

Tribuna Operária da Luta

Nº 20 ANO I, DE 8 A 22 DE AGOSTO DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 10,00



1979: Figueiredo promete conter carestia. 1980: preços dobraram; promessas eram demagogia

27 É DIA DE LUTA CONTRA CARESTIA

Sindicalistas da construção naval de Niterói dizem como retomaram o seu sindicato

Depois de nove anos de luta e duas eleições consecutivas, uma chapa de oposição derrubou a pelegada. Entrevista na página 4

Ditadura impõe lei contra estrangeiros

Sem confiar nem nos seus próprios deputados, PDS apelou para decurso de prazo. Pg. 8

Editorial

Frente comum contra o fascismo

Centenas de mineiros assassinados. Tropas com tanques, aviões e helicópteros lançadas contra trabalhadores e antifascistas. Os generais mais uma vez assaltam o poder, contra a vontade expressa do povo. Este é em resumo o retrato da Bolívia depois do golpe do general Meza no dia 17 de julho.

Apesar da violência dos militares fascistas, o povo continua resistindo bravamente. Anuncia-se a criação de um governo democrático na clandestinidade, provavelmente dirigido pelo presidente eleito, Siles Zuazo.

Os generais argentinos, que colaboraram diretamente com o golpe, foram os primeiros a reconhecer o governo fascista. Agora, cinicamente, "lamentando os acontecimentos", também o general Figueiredo reconheceu o governo do general Meza. É bom lembrar que pouco antes do golpe o general Váiter Pires, ministro do exército brasileiro, considerou "intolerável" o estabelecimento de um governo "esquerdista" no país vizinho.

O fato é que os generais se articulam, tramam golpes e apóiam-se mutuamente no estabelecimento de governos militares contra o avanço da democracia no continente, no sentido de jogar sobre os ombros dos povos as conseqüências da grave crise em que se debate o capitalismo.



DAS MINAS DA BOLÍVIA REBELDE PARTE UM APELO A SOLIDARIEDADE

Página 5

Povo sairá às ruas em todo o Brasil e grande caravana irá a Brasília exigir que o governo congele preços. Pg. 8

Metalúrgicos baianos lutam para controlar indústria que faliu

Faz oito semanas que eles pararam as máquinas, bloquearam a porta e assumiram a custódia da Cemel. Leia na página 4

Aldo Rebelo, da UNE, fala do movimento estudantil de hoje

Página 3

No Acre assassino do líder sindical pagou seu crime

Página 3

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
Protesto contra a morte de Wilson de Souza Pinheiro

Caxias: pelego sabotou campanha

Caxias do Sul, RS — A campanha salarial dos 25 mil metalúrgicos desta cidade foi encerrada a 12 de julho, com a aprovação da proposta da Junta de Conciliação de 9% de aumento além do INPC e piso salarial de Cr\$ 5.100. Isso descontentou a categoria, que exigia 15% além do INPC e piso de Cr\$ 8.100, mas todas as tentativas de continuar o movimento foram impedidas pela diretoria do sindicato. A **Tribuna Operária** ouviu dois metalúrgicos de base, que analisam como foi a campanha:

TO — Como vocês viram e sentiram a aprovação da proposta da Junta?

Pedro P. — A proposta aprovada em hipótese alguma serviu à categoria, pois nada do que propusemos foi aceito pelos patrões.

Paulo D. — A desunião e desorganização da categoria devem-se principalmente à atuação pelega e de traição da atual diretoria, que embanou as assembleias, exigindo documento na entrada, o que impediu mais de 100 metalúrgicos de participarem da primeira assembleia.

Pedro P. — E mais ainda, a diretoria se negou a marcar a data das novas assembleias e a dar prazo para a resposta dos patrões, impedindo os companheiros mais combativos de falar.

TO — No total foram quatro assembleias, e a terceira reuniu de novo quatro mil operários. A que vocês atribuem essa nova motivação?

Pedro P. — Em primeiro lugar, houve uma campanha nas fábricas por parte dos metalúrgicos mais ativos para que todos participassem, e, em segundo, há o descontentamento dos operários contra a atual situação econômica do país, com o custo de vida, o arrocho dos salários e a atual política salarial, que faz com que a gente perceba que para encher a nossa panela só com um governo nosso, da classe operária. Por isso é que mesmo desorganizados os operários procuram uma saída participando da assembleia e reivindicando melhores salários, melhores condições de vida e um governo voltado para os interesses da maioria do povo.

Paulo D. — Para ver a atuação do sindicato, só no fim da terceira

assembleia, quando o pessoal já tava indo embora, é que a diretoria colocou em votação uma proposta para a gente partir para uma operação tartaruga e para uma nova assembleia dois dias antes da reunião na Junta. Mas, mesmo aprovadas, as propostas não foram levadas pela diretoria, pois o presidente declarou que não realizou nova assembleia porque estava muito cansado...

Pedro P. — Devido à traição da diretoria, a quarta assembleia foi totalmente desmotivada, com a presença de nem mil companheiros, que aprovaram a proposta da Junta mesmo contra a vontade. Muitos companheiros condenaram a participação da diretoria do sindicato e pediram que os companheiros, a partir de agora, passem a se organizar e se unir para derrubar a diretoria pelega e botar gente nossa no sindicato. A grande tarefa agora é partir para organizar os trabalhadores na base, com bastante discussão, e acabar com a desunião e desorganização para lutarmos unidos contra os patrões e contra o governo da ditadura. **(da Sucursal)**



Incêndio da Shell: descaso do governo deixou as vítimas entregues à própria sorte

Omissão criminosa gera incêndio

Fortaleza, CE — A falta de segurança dos terminais petrolíferos instalados na Esplanada do Mucuripe, nesta capital, já havia sido denunciada pela imprensa, sem que as companhias — na maioria multinacionais, como a Shell, Texaco, Esso — tomassem qualquer providência.

Por culpa dessa omissão criminosa, Fortaleza sofreu o seu maior incêndio dia 28 de julho, com a explosão de tanques de

gasolina e óleo no terminal da Shell, consumindo nove milhões de litros de combustível.

O incêndio deixou um grande número de desabrigados, que ficaram sem nenhum socorro por parte das autoridades, espalhados na praia do Futuro. Crianças, adultos, velhos, mulheres grávidas se amontoavam ao relento, alimentando-se apenas com comida trazida por populares. Somente à 1 hora do dia 29 é que os desabrigados foram levados a uma

escola.

A causa do sinistro, que aparentemente não causou vítimas, ainda não foi determinada, mas a Shell é a maior responsável, pelas péssimas condições de segurança. A multinacional, no entanto, terá seus prejuízos cobertos pelo seguro, recebendo empréstimos do governo, enquanto os desabrigados, como sempre, nada receberão para indenizá-los pelas perdas e o susto levado... **(da Sucursal)**

“Estrela” quer ficar com 12%

São Paulo, SP — Os trabalhadores da Brinquedos Estrela, que arrancaram da empresa um aumento de 12% em maio passado, depois de muita luta e paralisações, vão voltar à briga agora, pois os patrões, aliados à diretoria do sindicato, querem descontar o aumento no dissídio, como se este tivesse sido dado como uma antecipação.

Os operários, revoltados, comentaram que os patrões pretendem também descontar 20% concedidos como antecipação em janeiro, totalizando nada menos que 36%. Para lutar contra esse roubo, os trabalhadores começaram a se organizar, advertindo que darão uma resposta a altura caso a Estrela tente alguma coisa.

Um trabalhador recordou que o aumento máximo conseguido para 1980 foi de 40,48%, para os que ganham menos de três salários mínimos, enquanto somente o lanche interno da empresa aumentou em 100% no mesmo período.



Cachoeiro de Itapemirim assume luta pela constituinte

Constituinte já tem comitê em Cachoeiro

Cachoeiro de Itapemirim, ES — Para incentivar a luta pela Assembleia Nacional Constituinte e levar essa bandeira aos mais amplos setores da população, foi inaugurado a 17 de junho um Comitê Pró-Constituinte nesta cidade, um dos primeiros de todo o país.

O comitê, cujo lançamento foi organizado pela sucursal local da

Tribuna Operária e o PMDB Jovem de Cachoeiro, conta também com a participação do Diretório Municipal do PMDB e a Comissão de Mobilização Popular do PMDB no Espírito Santo. O deputado da Tendência Popular Roberto Valadão, o prefeito da cidade, Gilson Carone, vereadores e membros do PMDB local estiveram presentes à inauguração. **(da Sucursal)**

JUDEPRO faz festas de jovens

São Paulo, SP — A Juventude Democrática e Progressista (JUDEPRO) promoverá nos dias 16 e 17 de agosto sua 1ª Feira Popular, na R. Ingai, perto do largo da Vila Prudente, nesta capital. A festa, organizada pelo núcleo local da JUDEPRO, contará com grupos de música, teatro e danças folclóricas, visando despertar os jovens para os seus valores através da cultura popular.

Em **Cambé (PR)**, o núcleo local da JUDEPRO realizou dia 2 de agosto uma Festa do Quentão, reunindo jovens de várias vilas da cidade. Na festa, além da apresentação de sanfoneiros e violeiros, foi também exibido um filme sobre os bóias-frias, feito na própria cidade.

No dia seguinte, cerca de 50 membros da entidade se reuniram para debater as lutas a serem travadas pela juventude no Paraná e no Brasil. A reunião contou com a presença de um diretor da JUDEPRO de São Paulo, e representantes da UNE, do Comitê de Defesa da Amazônia e do Movimento Contra a Carestia. **(da Sucursal)**

Enef: remédios são fonte de lucro para multís

Goiania, GO — Cerca de 400 estudantes, representando 24 escolas, participaram de 30 de julho a 3 de agosto do IV Encontro Nacional dos Estudantes de Farmácia (Enef), no qual a dominação imperialista no campo da indústria farmacêutica brasileira foi apontada como um grave dano, tanto para a “saúde” econômica do país quanto para a do povo

brasileiro. O IV Enef abordou também a valorização do farmacêutico e a luta contra os projetos contrários à categoria, o currículo e a situação da universidade e a participação nos sindicatos, em debates caracterizados pela vinculação dos problemas específicos dos farmacêuticos com suas causas estruturais. **(da Sucursal)**

Norte/Nordeste: operários da indústria debatem metas

São Luis, MA — Com a participação de sindicatos de 13 Estados, foi realizado nesta capital, entre 24 e 26 de julho, o II Encontro dos Industriários do Norte e Nordeste, destinado a unificar as iniciativas dos trabalhadores do setor sobre os interesses da categoria e sobre a situação geral do país.

Alguns trabalhadores, embora tenham criticado a Federação do setor e vários sindicatos, por não estarem empenhados na defesa da categoria, ressaltaram a importância do Encontro, “pois colocamos nossas propostas e nossos objetivos, o que nos permite criticar medidas que não sejam do interesse de nossa classe”. **(da Sucursal)**

No Pindorama mulher não corre de grileiro

São Luis, MA — O grileiro Antonio Nicolau encontrou um osso duro de roer: há quatro anos vem tentando expulsar cerca de dez lavradores instalados desde 1972 em uma área devoluta no Parque Pindorama, nesta capital, mas todas as suas manobras enfrentaram firme resistência, liderada por Dona Rosália, uma valente e decidida moradora.

Embora tenha perdido um processo pela posse das terras — cerca de 37 hectares — o grileiro insistiu em suas tentativas, ameaçando os lavradores com um revólver e dizendo que iria cortar suas plantações, em fins de 1979. Mas estes, com o apoio da Comissão Pastoral da Terra e da FASE, estão decididos a não abandonar os seus direitos.

“Em 1977, quando o grileiro Nicolau cercou as terras, não reagimos, ficamos com medo,



Rosália, líder da resistência pois não sabíamos dos direitos de posse”, relatou D. Rosália à **Tribuna Operária**. Mas agora, diz a lavradora, “ainda vai haver briga”. “Vamos ficar firmes, não dispersar ninguém, todos juntos, porque um por todos e todos por um, e unidos havemos de vencer”. **(da Sucursal)**

MS: governador fugiu quando viu posseiros

Campo Grande, MS — O descaso do governo para com a defesa dos direitos dos trabalhadores está se tornando cada vez mais brutal: até agora, nada foi feito em favor das 150 famílias de arrendatários de Naviraí, que tiveram suas roças invadidas no dia 2 de junho por cinco mil cabeças de gado do dono da fazenda Jequitibá, Domingos Ferreira.

Os lavradores estão chegando ao completo desespero: não têm mais alimentos nem assistência médica, as crianças já não assistem às aulas, muitas famílias partiram, enquanto o advogado dos arrendatários, Joaquim das Neves Norte, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Naviraí, Carlos Gomes Duarte, e dois religiosos, o padre Antônio e a irmã

Rosa, são abertamente ameaçados de morte. Enquanto isso, o governador biônico Marcelo Miranda se recusava a receber uma comissão dos arrendatários, fugindo covardemente por um dos elevadores do palácio.

Várias entidades democráticas populares estão apoiando a luta dos lavradores em Naviraí, pois a história poderá se repetir: na Fazenda Jequitibá, o dono emitiu cartas de anuência para o levantamento de créditos apenas até maio de 1981, embora os arrendatários tenham seus contratos prorrogados judicialmente até 1983. Devido a essa escalada dos latifundiários, sindicatos de trabalhadores rurais de várias regiões estão pedindo total apoio à luta dos lavradores de Naviraí. **(do Correspondente)**



Esclarecimento da categoria: tarefa chave da Chapa 2

GO: oposição a pelego

Goiania, GO — Nos dias 4 e 5 de agosto, será realizada a 2ª votação para a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentos desta capital, na qual a chapa 2 de oposição poderá por fim aos nove anos de reinado de uma diretoria pelega, voltada única e exclusivamente para os interesses dos patrões.

mada em abril passado, realizaram uma intensa campanha, distribuindo folhetos com sua plataforma e discutindo com os trabalhadores a necessidade de um sindicato que defende os seus direitos. Devido à falta de organização, a primeira votação, realizada dias 17 e 18 de julho, foi impugnada por não atingir o total de 2/3 dos sindicalizados. **(da Sucursal)**

Centro de Cultura Operária - CCO/SP.
R. Conselheiro Ramalho, 501, sala 1 - Bela Vista, SP - CEP 01325
(endereço provisório)

Nome Idade

Profissão Endereço

Endereço Cidade CEP

Barre CEP

O Centro de Cultura Operária CCO/SP tem por finalidade divulgar e promover a cultura operária em seus diferentes aspectos — sua história, suas lutas e sua teoria. Para associar-se, basta preencher a ficha e enviar um vale postal no valor mínimo de Cr\$20,00 como 1ª mensalidade. Serão considerados sócios fundadores os que se associarem até 30 de agosto.

Petroleiros em dissídio

Campinas, SP — Garantia de emprego por 12 meses, aumento de 15% além do INPC, reajuste salarial trimestral, ou quando a inflação atingir 15%, jornada de 40 horas semanais. Estas são algumas das reivindicações que os petroleiros levarão em sua campanha salarial nacional, para o dissídio que tem como data-base 1º de setembro.

No dia 7 de agosto, todos os Sindipetros e Sindiquímicas realizarão assembleias para discutir a resposta que a Petrobrás deverá dar às suas reivindicações e os passos seguintes da campanha. Em Campinas, o Sindipetro já manteve uma assembleia geral, a 30 de junho, com 10% da ca-

tegoria, e vem realizando reuniões setoriais desde 25 de julho.

Na Refinaria do Planalto (REPLAN), em Paulínia, a luta promete muita coisa, pois esta, com 1.200 empregados, é responsável por quase um terço do petróleo consumido no país. A Petrobrás, para prevenir-se contra uma greve, está treinando um grupo de engenheiros para substituir os petroleiros, principalmente os 300 do setor de operação, área chave da refinaria. Esse esquema, contudo, colocará a refinaria e a população da região sob grave risco, pois qualquer falha dos engenheiros, despreparados para a função, poderá provocar acidentes. **(da Sucursal)**

Saúde popular

Bela Vista, CE — O I Encontro Estadual de Saúde Comunitária do Ceará foi realizado nesta cidade a 12 de julho, com a presença de representantes de comunidades das cidades de Aratuba, Guaraciaba, Tauá, Baturité e Capistrano, além de membros de associações locais e da ASMOPE.

Os participantes discutiram os trabalhos de saúde e seus problemas, em especial a dificuldade do povo em receber assistência, concluindo que, para melhorar as condições de saúde, é necessário lutar contra a fome e o desemprego. **(do Correspondente)**

Olho vivo no que foi prometido

São Paulo, SP — A Comissão de moradores da Cidade Pedro José Nunes, após muito esforço, manteve dia 3 de agosto uma reunião com o administrador regional de São Miguel e Ermelino Matarazzo, responsável pela região, para discutir um dos maiores problemas do bairro: o Lixão.

O administrador, que não compareceu na assembleia dos moradores realizada dia 6 de julho, prometeu que a cratera de um porto de areia, o Lixão, será aterrada dentro de 10 meses a um ano, afirmando que outros problemas, como iluminação pública e asfaltamento, também serão resolvidos. Os moradores, que não são bobos, anotaram todas as promessas, para cobrá-las quando for o momento.

Encontro de gráficos/SP

São Paulo, SP — O Sindicato dos Gráficos de SP promoverá entre os dias 12 e 14 de setembro um Encontro Estadual, na Praia Grande, para discutir os problemas da categoria e dos trabalhadores em geral, de acordo com sessões apresentadas até o dia 30 de agosto.

O temário, entre outros pontos, incluirá a política econômica e salarial do governo, anistia aos trabalhadores atingidos por atos institucionais do governo, a estrutura sindical e criação da CUT, estabilidade do delegado sindical e direito de greve, além da previdência social, legislação do trabalho, higiene e segurança e a campanha salarial.

Enver Hoxha

“Obra de fôlego, indispensável a todos os que lutam por um futuro feliz, é um verdadeiro programa do marxismo-leninismo”

Pedido de compra:

Nome:
Endereço:
Bairro: Cidade:
Estado: CEP: Fone:

Estou enviando o cheque nº no valor de Cr\$ 400,00, em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda., Rua Beneditina Portuguesa, nº 44, sala 206, SP, CEP 01033.

o imperialismo e a revolução
Introdução de João Amazonas

Tribuna Operária

Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel, Dilair Aguiar, jornalista responsável: Pedro de Oliveira

Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista - São Paulo, Capital, CEP 01325, tel 36-7531. Sucursais: Rio de Janeiro: R. Joaquim Silva, 11, s/307 - Lapa CEP 20241; Minas Gerais: R. Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial, Contagem CEP 30000; Bahia: R. Padre Vieira, 5 s/307 - Salvador CEP 40000; Rio Grande do Sul: R. Gen. Câmara, 52 s/ 29 - Centro, Porto Alegre CEP 90000. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta e impressa na Cia. Editora Jorjê.

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA
Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.

ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome Idade

Endereço Cidade CEP

Estado Fone

Estou remetendo um cheque de Cr\$500,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. Banco Itaú, Agência Jaceguai - conta nº 03154 - São Paulo, Capital.

MOVIMENTO ESTUDANTIL

UNE acredita numa fase de grandes lutas

Artigo de Aldo Rebelo, secretário-geral da União Nacional dos Estudantes

A luta dos estudantes por melhores condições de ensino e contra a política educacional do governo é um fator de grande importância na ampliação e na consolidação da luta geral do povo brasileiro pelo fim do regime militar, rumo à conquista da liberdade. Por este motivo é fundamental para os estudantes compreenderem que a luta por suas reivindicações econômicas só pode ser travada de forma consequente levando em consideração os interesses gerais do povo, particularmente da classe operária, da mesma forma que é importante para os trabalhadores levar em consideração que têm no movimento estudantil um aliado e que a luta dos estudantes é uma trincheira poderosa na luta contra a ditadura.

Esse primeiro semestre já registrou longas e vigorosas greves com duração de dois e três meses, havendo casos, como a da Universidade Federal de Viçosa, em que estudantes estenderam a greve pelo semestre inteiro. E o segundo semestre apresenta-se com muito mais potencialidades para a ampliação e radicalização da luta dos estudantes.

A crise se aprofunda

Produto da política traçada pelos governos militares para a educação, a crise da Universidade Brasileira se agrava neste momento, dentro da crise econômica e social que abala os esteios do modelo econômico, sustentado nos grandes monopólios, no latifúndio e no imperialismo.

Nas universidades públicas a falta de verbas ameaça de fechamento cursos e até departamentos inteiros enquanto nas particulares o aumento extorsivo das anuidades expulsa das salas de aulas milhares de estudantes impossibilitados de pagar suas mensalidades.

Ao lado da crise financeira, que degenera por completo as condições de ensino e achata os salários de professores e funcionários, aumenta o distanciamento entre o ensino ministrado e os interesses da população. Isso é facilitado pelo autoritarismo vigente nas Universidades que impede a participação de estudantes,

professores e funcionários na sua direção.

A UNE vê o caminho

Enxergando o potencial de mobilização e de luta dos estudantes, a União Nacional dos Estudantes (UNE) aprovou na reunião do Conselho Nacional de Entidades de Base (CONEB) as lutas gerais por mais verbas para a educação, contra o aumento das mensalidades neste semestre, ao lado de uma greve nacional de três dias, marcada para setembro, como forma de unificar e dar caráter nacional às lutas. A greve, no entanto, não pretende ser meio e fim. Ela vai mostrar o potencial de unificação das lutas dos estudantes brasileiros e indicar o rumo geral de como travar o combate contra a política educacional da ditadura quando ela tenta consolidar a implantação do ensino pago no país.

Essa luta, segundo a compreensão da entidade máxima dos estudantes brasileiros, tem que ser levada ao lado dos professores e funcionários, construindo a união da comunidade universitária em torno de suas reivindicações comuns.

Em um semestre que se delinea como de grandes mobilizações populares contra a política de fome e repressão, a presença dos estudantes é essencial para ampliar o leque das lutas democráticas e populares e debilitar a sanha repressiva que recai, geralmente com mais peso, sobre os ombros da classe operária.

É necessário, ainda, que os estudantes fortaleçam o conjunto das lutas democráticas contra o cancelamento das eleições de novembro, contra o Projeto de Lei dos Estrangeiros e pelo Fim da Lei de Segurança Nacional.

Porém só a unificação de todas estas lutas e reivindicações, na campanha por uma Assembleia Nacional Constituinte, pode apontar para o fim do regime e a conquista da liberdade. Hoje, mais do que nunca, é necessário uma Constituinte livre democrática e soberana, sem generais no poder, convocada por um governo provisório de Frente Única das forças democráticas e da unidade popular.



Wilson, o líder assassinado, e Raimundo exigindo justiça: "Se Brasileira não punir os culpados Tarauaca trata disso"

LUTA PELA TERRA NO ACRE

Wilson foi vingado!

O ato de 27 de julho

São 19:30 horas do dia 27 de julho, na cidade de Brasília, Estado do Acre. Vão chegando os caminhões trazendo os trabalhadores rurais dos municípios de Xapuri e Assis Brasil. O último caminhão a chegar é o do Sindicato de Rio Branco. Seus pastores chegam entoando um canto: "Companheiro Wilson você está presente!"

As 20:00 horas, em frente ao sindicato, inicia-se o ato de solidariedade ao dirigente sindical Wilson de Souza Pinheiro, assassinado a tiros na própria sede do sindicato em 21 de julho passado.

Visivelmente emocionados, 2.500 trabalhadores cantam o Hino do Sindicato. Uma bandeira negra está hasteada na sede do sindicato e durante mais de três horas os oradores ocupam o palanque repudiando o assassinato de Wilson.

Os discursos são bastante firmes quando vários posseiros de Paranaíba reagiram contra o ataque de grileiros e puseram fora de combate nove deles.

Wilson de Souza Pinheiro era presidente do combativo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de

Brasília e também membro do PT e já havia sido bastante ameaçado pelos fazendeiros e seringueiros da região. Foi assassinado por um pistoleiro na sede do Sindicato. A terrível morte de Wilson desencadeou um poderoso movimento de resistência dos trabalhadores em defesa da liberdade sindical. A manifestação do dia 27 contou com uma participação muito ampla, incluindo os líderes camponeses do Acre que também estão com morte "jurada" pelos fazendeiros.

mes e os representantes de todos os sindicatos rurais dos municípios presentes se manifestam. Falam também os representantes dos sindicatos rurais de Cacoal e Jiparaná, de Rondônia, o presidente e o delegado regional da Contag, o representante da CNBB, dos sindicatos rurais do Rio de Janeiro, um dirigente da Tendência Popular do PMDB do Acre, o Presidente e o secretário da Direção Nacional do PT, a Presidente e o Vice-Presidente da Associação dos Professores do Acre e muitas outras entidades.

Um dos mais aplaudidos pelos trabalhadores é o discurso de Raimundo "Trovoada", presidente do sindicato rural do município de Tarauacá: "Eu digo para vocês, companheiros de Brasília, se vocês não punirem os culpados pela morte do companheiro Wilson, os trabalhadores de Tarauacá virão aqui fazer isto".

Os outros aplaudidos pelos trabalhadores de Tarauacá são os representantes do PT e já havia sido bastante ameaçado pelos fazendeiros e seringueiros da região. Foi assassinado por um pistoleiro na sede do Sindicato.

Os outros aplaudidos pelos trabalhadores de Tarauacá são os representantes do PT e já havia sido bastante ameaçado pelos fazendeiros e seringueiros da região. Foi assassinado por um pistoleiro na sede do Sindicato.

A presença de Lula ressaltou a união entre os operários de São Paulo, que tão violentamente têm sido reprimidos, e os trabalhadores rurais do Acre.

Pelas últimas notícias do nosso correspondente, aumenta a violência policial. Já foram presos sete sindicalistas: João Correia Neto, Francisco Roque de Freitas, Manoel Bento Filho, Humberto Viana de Araújo, Francisco Viana de Araújo, Francisco Vicente de Melo e Otacílio Viana de Araújo. Também foi preso o motorista do sindicato, José Paulo Rodrigues.

Outros quatro seringueiros, que também estão detidos porque quiseram acompanhar os outros presos, estão sofrendo torturas: Euclides Luiz de Souza, Raimundo Silvestre do Nascimento, Pedro Vital de Araújo e Miguel Luiz de Souza. Raimundo teve uma faca enfiada debaixo da unha.

A tensão social se amplia e é de máxima urgência a solidariedade de todos os brasileiros democratas.

TERRORISMO

União contra os atentados

"As entidades democráticas e os jornais abaixo-assinados repudiam os termos da nota "Epidemia da Inércia" e do quadro "As diferenças entre os nomes da lista", publicados na edição de 6 de agosto de 1980, nº 622, da revista "Veja". Em primeiro lugar, pelo caráter de delação do referido quadro, ao vincular algumas publicações da chamada imprensa alternativa a partidos ou grupos que as leis ditatoriais ainda vigentes forçam à clandestinidade, justamente no instante em que tais publicações são alvo de uma campanha terrorista. (...) Em segundo lugar, por afirmar que "existem nuances que as balas e panfletos parecem desconhecer", o que é um claro convite a que "balas e panfletos" passem a estabelecer nuances, poupando algumas e atacando outras das publicações.

As insinuações da reportagem "Epidemia da Inércia", de que setores da esquerda podem aceitar a provocação do terror, reagindo pela violência, só contribuem para desviar as atenções gerais sobre quem, de fato, é responsável, hoje, pelos inúmeros atentados praticados em diferentes cidades contra a liberdade de imprensa e contra opositores do regime: a extrema-direita, atuando sob o manto da impunidade estendido por um Governo que nada apura.

Vaias no congresso

Dois dias antes, no auditório do Congresso Santa Teresa, cerca de 200 pessoas tinham vindo um assessor de relações públicas da Alcoa, que tentava mostrar um audiovisual sobre a empresa na plenária do 5º Congresso Brasileiro de Ensino e Pesquisa da Comunicação. Os congressistas ficaram indignados com o que consideraram uma falta de respeito à pauta da sua reunião e chegaram a votar uma moção de desagrado com a atitude da companhia norte-americana e a instalação dessa em S. Luís.

Comitê de defesa

Uma luta como essa não se restringe a uma multinacional, mas se volta contra todos os projetos de entrega do Maranhão pelo regime militar. Por isso, cerca de 120 pessoas, reunidas no salão paroquial da Igreja de S. João, decidiram criar um Comitê de Defesa do Maranhão, que levará a luta à frente. Foi decidido que o Comitê será dirigido por representantes de entidades democráticas e populares e baseado na formação de núcleos em bairros, fábricas, povoados, cidades do interior, etc. (da Sucursal de S. Luís)

DEFENDA A IMPRENSA POPULAR

- Leia, divulgue, venda e assin
- Companheiro
- Convergência Socialista
- Coojornal
- Correio Sindical
- Em Tempo
- Hora do Povo
- Movimento
- O Trabalho
- Pasquim
- Repórter
- Tribuna da Luta Operária
- Voz da Unidade

Compre nas bancas. Ajude a vender. Estimule jornalistas a resistir aos terroristas. Faça a sua assinatura.

CAMPANHA PELA CONSTITUINTE

PCB foge da briga

Na luta pela Constituinte democrática e soberana, tem ou não tem importância saber qual o governo que a convocará?

Diante do agravamento da situação política do país, as diversas forças políticas revelam as suas posições em relação à convocação de uma Assembleia Constituinte. O PC Brasileiro, em documento divulgado pelo jornal Voz da Unidade, diz a respeito: "Que a Constituinte seja convocada pelo atual presidente da república, ou por outro — para nós este não é o problema. Esta é uma falsa questão. A questão real é a de que a Constituinte tenha como ponto de partida a ampla participação popular."

Será mesmo um falso problema, ou é esta a questão essencial? O atual regime militar pode por acaso convocar uma Constituinte e garantir as condições para que o povo possa debater livremente os problemas do país nas fábricas, nas fazendas, nas favelas, nas ruas e eleger os seus legítimos representantes? A prática mostra que o governo nem ao menos garante a circulação dos jornais democráticos, compactuando até com os atentados terroristas contra a imprensa. O governo não garante nem a liberdade de greve nem a liberdade sindical. Pelo contrário, agride os operários, prende suas lideranças sindicais e intervém nos sindicatos. Este regime jamais poderá garantir uma Constituinte que garanta os direitos da classe operária. E a Constituinte precisa ser convocada exatamente porque é necessário mudar as regras do jogo em favor dos trabalhadores.

Sobre essa mesma questão, recentemente o Partido Comunista do Brasil indicou com muito acerto que "a derrocada do regime, pela ação decidida do povo é questão fundamental, precedendo a convocação da Constituinte". Somente assim poderá haver liberdade efetiva que permita à classe operária e às massas populares eleger seus legítimos representantes, criar e desenvolver suas organizações de combate, elevar seu nível de consciência política;

defender abertamente suas soluções para os problemas nacionais".

Posição imobilista

Para fundamentar suas posições, o PC Brasileiro parte da análise errônea de que "o processo democratizante em curso, inclusive do ponto de vista limitado do projeto de abertura política do governo, está em aberta e manifesta contradição com a tentativa de manutenção do modelo econômico". (editorial do nº 12 da Voz da Unidade).

Completando o raciocínio acima, no editorial do nº 14 da Voz, O PCB conclui: "Não ter receio de negociar e de fazer todos os acordos que sejam necessários tanto para avançar quanto para — como parece ser atualmente o caso — evitar o retrocesso". Em outras palavras, fazer todos os acordos para avançar no processo de democratização que eles julgam em curso, melhorar o regime e evitar o retrocesso isolando os "duros". Negociar, inclusive, o apoio à farsa de Constituinte com Figueiredo, talvez em troca da legalização do PC Brasileiro.

E bem diferente a visão do PC do Brasil. "A abertura política de Figueiredo e o plano de reciclagem política do regime aparecem mais nitidamente como a continuação do autoritarismo e do arbitrio disfarçados. O povo e as diversas forças políticas vêm que não se trata de encaminhar efetivamente o país para um sistema democrático, mas de engabelar a nação com simples e superficiais modificações na superestrutura política, conservando o regime militar... A questão principal que se coloca na ordem do dia é a liquidação do regime militar e a conquista da plena liberdade política. A classe operária deve por-se de pé contra os seus opressores, romper correntes e dirigir as massas na luta por um mundo novo. (Rogério Lustosa)

parte, não apostamos na crise. Não apostamos no caos". Para encobrir a sua tentativa de conciliação de classes, confunde crise com caos. Pode acontecer que a crise do capitalismo resulte no caos para as classes dominantes. Pode desorganizar e paralisar o seu aparelho estatal dificultando a repressão sobre as massas. Mas se as massas populares, sob a direção da classe operária, estiverem preparadas, a crise pode ser a porta para uma nova situação política no país. A classe operária não pode criar a crise, ou evitá-la, mas pode dirigir as massas para uma solução revolucionária da crise.

O PCB, com suas posições, substituiu a luta política e a independência da classe operária pela tentativa de acordos. A pretexto de não arriscar as pequenas conquistas, coloca-se a reboque da burguesia liberal, aderindo à proposta do PMDB. Abandona o objetivo final em troca de um meio-termo pacífico entre o regime militar e o povo, onde a parte do leão fica com a burguesia. Contenta-se em negociar reformas do capitalismo e renega a revolução.

Já o Partido Comunista do Brasil diz que "a liquidação do regime militar, bem como a conquista da liberdade política e de um governo democrático de frente única, somente serão conseguidos no curso de uma crise político-institucional que afete em profundidade a reação e facilite a ampla mobilização das massas. As lutas da classe operária e do povo jogam importante papel no aceleramento desta crise, ainda que ela por si mesma seja um fenômeno objetivo". Ou seja, longe de barganhar por migalhas a classe operária deve por-se de pé contra os seus opressores, romper correntes e dirigir as massas na luta por um mundo novo. (Rogério Lustosa)



O povo barrou a passagem dos ônibus da Alcoa MANIFESTAÇÃO NO MARANHÃO

Povo contra a entrega

"Fora Alcoa, fora Castelo!" foi uma das palavras de ordem mais gritadas em São Luís na manifestação do último dia 31 contra a invasão do Maranhão pelas multinacionais.

A manifestação foi convocada às pressas, em menos de 24 horas, para repudiar uma festa de inauguração, promovida pela Alcoa, uma grande empresa norte-americana. Mesmo assim, cerca de 300 pessoas saíram às ruas. Na última hora, a Alcoa ainda tentou uma manobra: transferiu o local de onde partiriam os luxuosos ônibus executivos com ar condicionado que transportariam seus convivas. Mas os manifestantes não se deixaram enganar e transferiram o protesto para o novo local, sentando na frente dos ônibus e atrasando-os por mais de meia hora.

Passeata

Os alvos da indignação popular eram a Alcoa e o ex-ditador Castelo Branco, que foi o primeiro a abrir as portas do país para essa empresa explorar a bauxita brasileira. As palavras de ordem eram "Fora Alcoa, fora Castelo", "Castelo assinou mas o povo não aceitou" e "Abaixo o entreguismo", além do já tradicional "O povo não tem medo, abaixo Figueiredo".

Depois disso a multidão ainda saiu em passeata, do Anel Viário até a Rua Grande, enquanto o povo aplaudia e houve até um camêlo que fez vários comícios-relâmpago de denúncia da exploração imperialista.

Enquanto isso, no local das obras da Alcoa, no quilômetro 18

Apóstolo da Conciliação... Ainda no editorial do nº 14 da Voz, o PCB afirma: "De nossa



A polícia e o interventor: entraves que os operários arrearão do seu Sindicato

METALÚRGICOS - SÃO BERNARDO

“O Sindicato é nosso!”

O interventor tem que sair nem que seja no tapa

“Viva o sindicato”, grita um metalúrgico da Volks de São Bernardo no meio da multidão quando dirigentes sindicais cassados de São Bernardo e outros ativistas distribuíam panfletos na porta de entrada da multinacional. Essa exclamação representa o anseio dos operários deste centro industrial pela retomada de seu sindicato que se encontra na mão do interventor nomeado pelo ministro Macedo desde a última greve.

Para Benedito, operário do setor de pintura da Volks, “o pessoal lá na fábrica não aceita o interventor do governo. O sindicato precisa estar em nossas mãos logo para facilitar as próximas lutas. Sem o sindicato a luta é mais difícil para a gente e mais fácil para os patrões”.

A prática do interventor

Os metalúrgicos de São Bernardo sentem na prática o que significa um sindicato nas mãos dos homens do governo na defesa dos lucros dos patrões. “Com o interventor no sindicato os patrões estão se aproveitando para esfolar os trabalhadores, eles estão deitando e rolando sobre nós”, afirma Augusto, um ativista sindical. Na Rolls Royce os patrões se negam a pagar as férias e o interventor não se manifestou. Com a Volks o interventor chegou a fazer acordo — às escondidas — para obrigar os operários a compensarem as horas das festas do

fim do ano. Além disso, a nova direção do sindicato não cuida dos “problemas corriqueiros” dos metalúrgicos, como falta de higiene em banheiros e restaurantes, anotação irregular em carteiras de trabalho, perseguição de chefia, etc, problemas que lotam o sindicato diariamente.

Expulsá-lo no tapa

Mas como expulsar o interventor do sindicato? Esta é atualmente a questão que mais se discute no ABC. Um ex-operário da Mercedes, distribuindo panfletos, propõe: “Esse cara já está em nosso sindicato há noventa dias e não quer sair. O negócio é a gente invadir o sindicato e expulsá-lo no tapa”. Os que pegam o folheto concordam.

Logo nos primeiros dias de intervenção a categoria chegou a realizar uma assembléia dos demitidos no sindicato com oitocentas pessoas e nesta o interventor, à mesa, foi duramente criticado. Na assembléia seguinte o sindicato estava cercado de PMs, e os dois mil metalúrgicos foram impedidos de entrar no seu sindicato.

Dois formas de trabalho sindical estão sendo utilizadas para a retomada do sindicato. Uma primeira é a continuidade da organização dos metalúrgicos no interior das fábricas, a formação de comissões. Agora com muito mais cautela para não serem demitidos e fora da sede do sindicato para

não serem delatados. Os metalúrgicos, como os da Rolls Royce, continuam pressionando os patrões na luta por melhores condições de trabalho.

A outra tática é a ida constante ao sindicato. Ex-diretores e militantes de base vão ao sindicato e ficam atendendo trabalhadores que lá levam seus problemas, explicando a intervenção. “Formam-se rodinhas de metalúrgicos e o policial-interventor fica louco de raiva”, explica Devanir, um dos diretores cassados.

Constantes batalhas

Na sede do sindicato as discussões entre os metalúrgicos que vão lá discutir seus problemas e o interventor do governo que nada resolve, e inclusive chega a não atendê-los, são comuns. Há poucos dias um metalúrgico demitido por justa causa da Mercedes chegou a agredi-lo fisicamente.

Em entrevista à *Tribuna* o interventor Oswaldo Pereira D’Aguiar disse “não ser virgem em matéria de intervenção” e que sabia que “não receberia flores” neste sindicato, um dos mais mobilizados do país. “Mas sou soldado de um exército — diz ele — e não posso me manifestar contra as funções recebidas”.

Resta saber agora quando os soldados do outro grande exército, o dos operários, o vencerão, expulsando-o do sindicato. (da Sucursal

METALÚRGICOS - NITERÓI

A vez da oposição

Os metalúrgicos de Niterói e Itaboraí, no Rio de Janeiro, têm bons motivos para comemorações. Depois de nove anos, eles conseguiram finalmente reconquistar seu sindicato. Ganharam as eleições, os pelegos tentaram um golpe, foi convocado um novo pleito e novamente a categoria consagrou a oposição. Agora, a chapa eleita prepara-se para dar uma nova orientação ao sindicato, que tem enorme importância por representar os operários de um dos maiores centros da indústria de construção naval do Brasil.

A *Tribuna Operária* entrevistou dois membros da direita eleita — Abdias dos Santos (presidente) e João Cunha.

TO: O que vocês consideram que caracterizava a diretoria anterior, derrotada nas últimas eleições?

Abdias: As suas principais características eram a passividade, a acomodação no encaminhamento das lutas da categoria e o seu continuísmo.

João: Tudo se fechava nas mãos do presidente do sindicato. Ele se intitulava dono do sindicato.

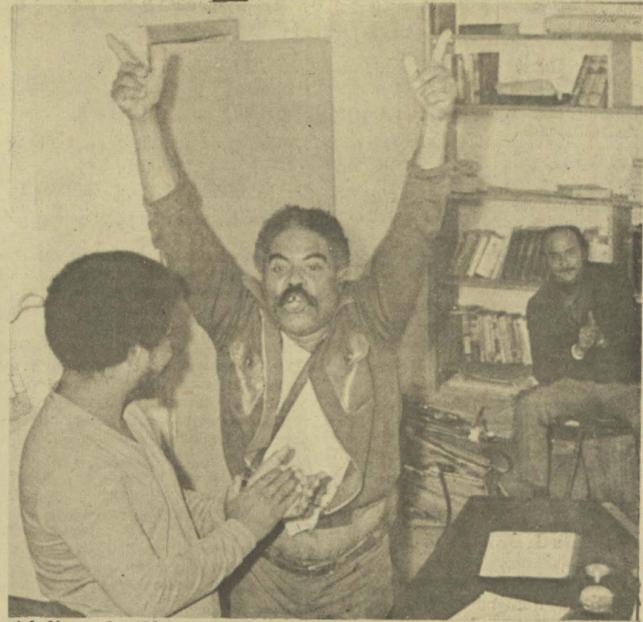
TO: Quais os principais pontos defendidos pela chapa de vocês?

Abdias: O principal ponto, o ponto de partida, é aglutinar os trabalhadores. Levar os trabalhadores a participarem efetivamente do sindicato, através de uma sindicalização ampla, mas não forçada. Levar os trabalhadores a se interessarem pelo sindicato. O outro ponto importante é lutar pela reposição de nossos direitos, adquiridos anteriormente, com a estabilidade, o quadro de carreira e as 40 horas semanais.

João: Organizar a classe é a principal tarefa.

TO: O que se deve aprender com vocês para afastar os pelegos do sindicato?

Abdias: Acredito nas coisas que surgem de dentro dos trabalhadores. Os trabalhadores



Abdias, da Chapa 2, festejou com vontade a vitória

devem se fortalecer dentro das empresas. Os mais conscientes devem contribuir para elevar o nível de luta dos trabalhadores. Não adianta ficar determinando normas — é preciso despertar os trabalhadores para que lutem por seus interesses. Isto vai contra a pelegada. Ou eles deixam de ser pelegos ou fogem do sindicato.

João: É uma tarefa de todas as bases e não apenas de quem se intitula oposição. É tarefa difícil. Aqui durou 9 anos.

TO: O que vocês pensam da Central Única dos Trabalhadores (CUT)?

Abdias: É uma idéia muito válida. É um projeto em que todos os trabalhadores devem trabalhar. Mas não é coisa imediata, pois poderia se tornar uma máquina por cima dos trabalhadores. Sou a favor de uma CUT dos trabalhadores, de baixo para cima, das empresas para cima.

João: É trabalho de todos os sindicatos unidos e organizados. Pretendemos fazer o que for possível.

TO: O que vocês acham do contato dos sindicatos com os outros setores populares?

Abdias: As coisas tendem a andar juntas, mesmo sendo distintas. Deve haver unidade, cada um

na sua função. Os pensamentos devem ser juntos.

João: Não só é importante como está consignado em nosso programa de luta. Congratamento de todas as camadas não só de trabalhadores mas unidade de fato de todas as camadas. Unidade na base para levar de vencida esta etapa.

TO: Quais são atualmente os principais problemas dos metalúrgicos e de nosso povo em geral?

João: O principal problema de todo o povo é o sistema atual. Vencido esse sistema, eu acredito que todos os problemas serão resolvidos a favor dos trabalhadores e do povo em geral.

TO: E sobre a Assembléia Constituinte?

Abdias: Discussão de todos os problemas nacionais é bom. Mas ainda não pensei nisto.

João: Estamos de acordo com a Constituinte. Mas acho que no momento nós, trabalhadores, ainda não temos condições de convocar. Isso ainda está nas mãos dos políticos. Mas toda a união do povo, todos os segmentos unidos e organizados representam uma força. Os problemas são tantos que não sei ainda qual é o primordial. (da Sucursal do Rio de Janeiro)

Diretoria de briga no Sindicato

Após inúmeras tentativas de enfrentar todo o poderio de uma diretoria ligada aos patrões e à ditadura, os trabalhadores da construção civil do Espírito Santo, conseguiram, no último dia 28 de junho, conquistar para si o sindicato da classe. Nas eleições realizadas nesse dia, a oposição sindical conseguiu 325 votos contra 70 da situação.

O sindicato vinha há muitos anos sendo dirigido por pelegos que tudo fizeram para desmobilizar a classe, e manter os trabalhadores afastados de seu sindicato. No entanto, desde a primeira greve da construção civil ainda no fim do ano passado e de outra greve localizada este ano nas empresas que constroem o complexo siderúrgico de Tubarão, em Vitória, a classe foi se mobilizando e se conscientizando da necessidade de derrubar a diretoria que não apoiou efetivamente nenhum dos dois movimentos grevistas.

Uma primeira eleição foi feita há cerca de dois meses, mas anulada quando a oposição ganhou e a situação manobrou junto à Delegacia Regional do Trabalho e às autoridades. Convocada nova eleição, a mobilização foi feita intensamente pela oposição, que conseguiu os 82% dos votos.

A chapa vencedora é composta pelos seguintes trabalhadores: Gerson Florêncio Diniz, Waldemar de Almeida Lyrio e Geraldo Manoel da Costa.

Constituinte

A pesar de representar a força mais avançada dos trabalhadores da construção civil, a nova chapa, ou pelo menos seu presidente, não concorda com alguns avanços políticos que podem representar maior liberdade para os trabalhadores para se organizar e se expressar politicamente. Em entrevista recente à *Tribuna Operária*, Waldemar de Almeida Lyrio afirmou que a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte não vai solucionar os principais problemas que a população está enfrentando. No entanto, Waldemar afirma mais adiante que se o PMDB tiver uma proposta mais avançada para a convocação de uma Constituinte, ele e seus companheiros do PT poderiam juntar-se às forças que defendam a Constituinte. (da Sucursal)



Eles não querem mais salários de miséria

CONSTRUÇÃO CIVIL - MINAS GERAIS

Nesta campanha eles querem ganhar e levar

Agosto-setembro é a época do dissídio coletivo dos operários da construção civil de Belo Horizonte e Contagem. Alguns trabalhadores da categoria declararam em entrevista à *Tribuna* que é possível sair greve, pois “o descontentamento é geral”.

Motivos não faltam. Ganhando um salário-miséria, eles foram trapeçados no dissídio de 1979. Entraram em greve reivindicando salário de 20 mil cruzeiros para mestre de obra, 12 mil para encarregado, 8 mil para pedreiro e 5 mil para ajudante. O TRT decidiu dar aos encarregados e mestres de obra o que era pedido, mas para os pedreiros e ajudantes, que formam a maioria da categoria, deu 6 mil e 3 mil e 600 cruzeiros respectivamente. Na assembléia final da campanha, o pelego Pizzarro, presidente do sindicato, chegou a ser apedrejado, pois manobrou o que pôde para impor a aceitação da decisão do TRT.

Mesmo assim, Roscoe, presidente do sindicato patronal, não se deu por satisfeito. Apelou para o Tribunal Federal e conseguiu anular a sentença anterior. E os operários da construção, mesmo depois de uma greve tão combativa, que custou inclusive o sangue de um companheiro, não conseguiram aumentar quase nada os seus salários.

Tem mais: eles recebem por semana. Quando são mandados

embora, deveriam por lei receber seu salário em 48 horas, mas na prática só recebem depois de 30 dias e sem nenhuma multa. Isso, mais a alta rotatividade e a grande quantidade de trabalhadores sem carteira, dá uma idéia das dificuldades por que passa a categoria.

Para a campanha deste ano, os pelegos e os patrões estão aprimorando suas armas. Dividiram o sindicato dos trabalhadores em dois — um para Belo Horizonte e outro para Contagem. Na presidência do de Contagem está um interventor safado, Rubem Moreira, que já foi até prefeito da cidade e presidente de uma empresa, a Cal e Gesso. Em Belo Horizonte, continua o velho pelego Pizzarro, acusado entre outras coisas de ter denunciado ao DOPS alguns trabalhadores da Magnesita, tempos atrás.

Desta forma, os operários da construção partem para a luta enfrentando tanto os patrões e o governo como as diretorias de seus próprios sindicatos. Porém, no ano passado a situação também não era boa neste aspecto e mesmo assim eles fizeram uma das greves que mais marcaram Belo Horizonte. Este ano, com a experiência adquirida, é possível que consigam êxitos ainda maiores na campanha. (da Sucursal de Minas Gerais)

CONGRESSO DOS JORNALISTAS

Aprovadas boas propostas

O XVIII Congresso Nacional dos Jornalistas que terminou dia 3 de agosto foi uma grande vitória para toda a categoria e representou um novo marco no sindicalismo brasileiro.

O grande fato político foi a derrota dos pelegos, que perderam o controle da Federação numa eleição bastante disputada, com o difícil resultado de 12 a 11. A vitória da oposição reflete o clima que o movimento sindical brasileiro está vivendo e começa a assustar pelegos.

Washington Tadeu de Mello é o novo presidente da Federação e a vitória dos sindicalistas mais combativos não se resumiu nisto pois várias propostas foram aprovadas e terão muita influência na vida dos sindicatos dos jornalistas.

Uma das principais questões que teve ampla aceitação trata das comissões de empresa, que os jornalistas chamam de CRR (Conselho Consultivo de Representantes de Redação), e que tiveram um papel tão importante

na greve de 79 em São Paulo.

Uma importante proposta apresentada pelo Sindicato de São Paulo e que foi aprovada pelo Congresso luta por uma estrutura sindical livre das restrições do Ministério do Trabalho e propõe que se desenvolva um amplo movimento de Unidade e Liberdade Sindical.

Uma das grandes realizações do Congresso foi a aprovação de uma “Carta de Brasília”, documento que apresenta com firmeza a opinião dos jornalistas sobre o momento que estamos vivendo.

“... os jornalistas brasileiros denunciam à Nação o clima de insegurança gerado pelos recentes atentados ocorridos em diferentes pontos do País, indicando a existência de uma força organizada de caráter nitidamente fascista, que tenta silenciar pela violência o direito de manifestação da imprensa, em particular da imprensa alternativa.”

“Tais violências somam-se às

restrições que os jornalistas e os trabalhadores enfrentam diante da sobrevivência da legislação repressiva que impede a autonomia dos sindicatos, cerceia o direito de greve e de manifestação dos trabalhadores e os golpeia com prisões arbitrárias...”

Estes trechos da “Carta de Brasília” deixam bem claro que os jornalistas e a nova diretoria de sua Federação se levantam pela defesa da liberdade de imprensa e pela liberdade Sindical.

Outras importantes manifestações foram assumidas pelo plenário principalmente a condenação do golpe militar na Bolívia, o repúdio aos atentados às bancas e personalidades democráticas e a condenação das manobras dos ministros de Figueiredo para aumentar ainda mais o Arrocho Salarial e despejar à solução da crise nas costas dos trabalhadores.

Todos os trabalhadores devem estudar as resoluções do Congresso.

METALÚRGICA CESMEL - BA

“A fábrica é nossa”

Já faz oito semanas que a Metalúrgica Casmel, na periferia de Salvador, encontra-se ocupada pelo seus 180 operários. As máquinas estão paradas e trancadas, a entrada da firma bloqueada por um guincho e os operários afirmam ter assumido a custódia da firma até que seus salários sejam pagos. A fábrica está sob controle, nenhum estranho, não-operário, ingressa na firma, e nenhum produto sai do estoque. Todos os dias às sete horas os operários acampam na entrada da Casmel, sob uma grande árvore.

O motivo desta iniciativa dos operários é o atraso dos salários. Desde 1978 o patrão desrespeita os trabalhadores pagando-os com vales e de uns três meses para cá ninguém estava recebendo nada. A justiça nada fez. Convocou os patrões e estes não compareceram e a audiência foi adiada. O pelego na direção do Sindicato dos Metalúrgicos encontra-se defendendo os patrões. Neste clima os operários decidiram ocupar a fábrica.

Administrar a firma

A Casmel produz cadeiras, estruturas metálicas, tesouras, etc., para grandes monopólios

a Dow e a Petrobrás. E há algum tempo ocorre uma disputa entre seus dois proprietários, Torquato e Ulisses Barbosa Filho, ex-presidente da Fiesb. Quem vinha sofrendo com a briga eram os operários, alguns com 30 anos de firma.

“Eu só tenho dívidas e fome em casa. Meus filhos estão sem roupa, calçados e remédio”, conta-nos um metalúrgico. É outro, macariqueiro, desabafa: “A vida do operário é dar lucro para as indústrias”.

E amadurece nos operários a idéia deles mesmos controlarem a fábrica em proveito próprio. Um velho operário de 56 anos e 24 de Casmel comenta: “Acho que deveríamos tomar a direção da empresa, pois nós todos sabemos operá-la. Tocamos a produção para frente e ficamos com o lucro”. Um vigilante admitido há dois meses vai mais longe: “A essas alturas já não existe mais Casmel, já não trabalhamos mais para a empresa. Estamos aqui trabalhando para nós operários”.

Já se iniciou um movimento de apoio à luta, com a venda de bonus, a dez cruzeiros. Quanto a divulgação da ocupação ainda muito pouco foi feito. (Arthur de Paula e Vandilson Costa, da Sucursal da Bahia)

INTERSINDICAL

Unidade só junto com liberdade

40 sindicatos e associações profissionais do Estado de São Paulo se reuniram no dia 3 de agosto para debater as questões intersindicais.

Esse grupo de sindicatos está criando um movimento que visa a unificação dos sindicatos em todo Estado de São Paulo e em todo Brasil. Tem sido chamado de Unidade Sindical e está ainda passando por uma fase de definições.

E por isso mesmo que na reunião foi discutido o caráter desse movimento e se ele deveria ter estatutos e regimentos ou se deveria ser mais flexível.

Uma das idéias mais importantes que tem sido levantadas é a que não se prende apenas na questão da Unidade mas também exige a liberdade sindical.

Final de contas não podemos pensar em Unidade com os interventores nomeados pelos militares e também não se pode falar em unidade com dirigentes pelegos que não permitam a livre participação dos associados na vida do sindicato. Não pode dar bom fruto a política de unidade a qualquer preço.

DIA DO TRABALHADOR RURAL EM ARRAIAS - PARÁ

Posseiros mostram seus documentos

Clima de festa e luta pela verdadeira reforma agrária

Mais de 4 mil pessoas participaram das comemorações do dia do trabalhador rural, 25 de julho, no sul do Pará, no povoado de Arraias ou Nova Jacundá, no km 88 da PA-150, uma estrada de terra que vai de Conceição do Araguaia até a Belém-Brasília.

Foi uma manifestação conjunta dos trabalhadores rurais do sul do Pará, organizada pela ADTUNJ — Associação de Defesa dos Trabalhadores Unidos Nova Jacundá — e pela Comissão Pastoral da Terra de Marabá. Cerca de 15 entidades estiveram representadas, além de diversas comunidades dos municípios de Marabá, Itupiranga, Jacundá, São Domingos do Capim, São João do Araguaia e Conceição do Araguaia, o deputado Ademir de Andrade e o bispo de Marabá, D. Alano Maria Pena.

a luta contra os grileiros, as denúncias das violências praticadas contra os posseiros por pistoleiros e policiais. A necessidade da resistência e da união, de que se faça justiça.

Quem toma providências?

Um dos posseiros denuncia o cabo Pedro da PM, que "no dia 29 de junho matou covardemente o jovem Otávio, depois de circular um quartelão todo correndo e atirando pelas costas" e pergunta: Por que esse criminoso está impune? Esse criminoso é agente da justiça ou pistoleiro do regime? Termina clamando por justiça.

A representante do km 126 da PA-150 afirma: "Na nossa união está a nossa esperança de justiça e libertação". O representante do km 92 da PA-70: "Eu quero homenagear a classe camponesa, essa classe que cria os nossos filhos, que cria os filhos das autoridades e que eles não dão valor". O representante da CPT de Marabá: "Quem é que vai fazer a reforma agrária? Nós! Quem é que vai tomar providências contra os grileiros e pistoleiros? Nós!"

Ademir Andrade, deputado da Tendência Popular do PMDB-PA, denunciou: "Enquanto nós estamos aqui lutando por 20 alqueires de terra, um americano chamado Daniel Ludwig tem aqui dentro do Brasil 600 mil alqueires". E o povo: "Abaixo a Jaril! Queremos entrar aí!"

Mais violência policial

Uma representante de Goiânia trouxe a notícia da prisão de um posseiro, Valdomiro, pela segunda vez, explicando que D. Alano na mesma semana recebeu uma intimação para comparecer ao DEOPS, junto com outro padre. Logo depois das comemorações uma comissão, que contava com a participação do deputado Ademir Andrade, do CBA de Belém, da Sociedade Paranaense de Defesa dos Direitos Humanos, da CPT, etc, dirigiu-se a Marabá para tentar libertar Valdomiro, o que foi conseguido no dia seguinte. Ademir Andrade, que acompanhou Valdomiro até Goiânia, participou de uma reunião nesse mesmo dia com cerca de 400 moradores.



No domingo, dia 27, mais uma arbitrariedade policial: Ernesto Martins, morador de Arraias, era preso quando se dirigia à igreja, por dois policiais à paisana que não se identificaram e nem apresentaram mandado judicial. "Imediatamente após ocorrida a prisão, o Pe. Paulo, João Oscar (irmão de Ernesto) e mais três pessoas da comunidade se dirigiram à delegacia local a fim de solicitarem esclarecimentos sobre a prisão de Ernesto, ocasião em que foram tratados com toda espécie de palavras, desrespeito e ofensa moral, por um dos soldados presentes", segundo uma nota de protesto divulgada pela CPT. Transferido para Marabá, Ernesto encontrava-se em regime de incomunicabilidade, foi aberto um IPM para apurar as acusações de que pronunciara um discurso ofensivo às autoridades municipais por ocasião da instalação da sede do GETAT, em Arraias, dia 20 de julho (Ernesto fizera um discurso criticando a administração municipal) e de ter tentado contratar uma pessoa para matar um soldado. Em sua nota, a CPT depois de repudiar essas acusações, que considera sem fundamentos, apela "a todas as entidades e pessoas que lutam pela libertação do povo a manifestarem seu repúdio a mais este ato de arbitrariedade que é cometido contra os moradores desta região".

(enviado especial Newton Miranda)



No alto, à esquerda, a foice e o machado, "documentos do posseiro"; à direita a participação feminina e abaixo a profusão de faixas que marcaram o Dia do Trabalhador rural no povoado de Arraias, sul do Estado do Pará.

ESPERANTINÓPOLIS - MARANHÃO

Desapropriação que custou sangue

Cerca de 2 mil pessoas participaram do 25 de julho, na praça Cláudia Carneiro, centro da cidade de Esperantinópolis, Maranhão. A manifestação foi convocada pela Tendência Popular do PMDB, com a participação do sindicato e apoio da paróquia. As 14 horas iniciou-se uma passeata, com os lavradores empunhando faixas e cartazes e entoando canções alusivas a seus problemas e lutas, que foi engrossando até ocupar toda a praça.

A comemoração deste ano se fez em clima de grande alegria. É que a 1º de julho foi assinado um decreto, desapropriando 28.500 hectares de terra a serem distribuídas pelo INCRA entre os posseiros da área. É a primeira vitória de uma luta de 7 anos, que deixou muitos heróis, mortos e mutilados. As faixas e os oradores, no entanto, exigem mais: "Reforma Agrária para todos". Lutar pela efetivação do decreto de desapropriação, estendê-la a todo o município; prosseguir na luta pela reforma agrária radical em todo o país, foram palavras de

ordem de quase todos os oradores, intensamente aplaudidas pela massa. A exigência de eleições em novembro e a necessidade de uma Constituinte também eram ressaltadas pelos oradores.

A necessidade de eleições é intensamente sentida pela massa dos trabalhadores rurais, que vê o prefeito Anísio Carneiro envolvido pessoalmente na grilagem, além da corrupção e incompetência que caracterizam os prefeitos do PDS. Entre os oradores, estavam os líderes sindicais "Diquinho", "Lobinho" e "Jacó", Loredó, Florêncio e José Augusto Mochel, da Tendência Popular do PMDB, e Vitório, operário da construção civil em S. Luis.

Após a manifestação, houve uma nova passeata pelas ruas centrais da cidade, voltando à sede do PMDB, onde o povo ainda ficou mais de uma hora cantando e dando vivas à oposição, à vitória dos lavradores e às suas lideranças. Só ao anoitecer o povo começou a dispersar-se.

INTERNACIONAL

Polónia

50 fábricas pararam

As greves operárias estouraram por toda parte na Polónia, mais de 50 empresas foram paralisadas pelos trabalhadores, e muitas com mais de 10 mil operários e ocupando importante papel na economia polonesa.

As autoridades polonesas falam que o país é socialista e que o governo é dos trabalhadores, mas a classe operária reage com poderosas greves e manifestações de quase todas as categorias.

Acontece que o socialismo na Polónia é só da boca para fora, é uma enganação para amortecer as lutas operárias; e tanto isso é verdade que hoje a Polónia vive a mais profunda crise econômica e social dos últimos tempos. Só nos primeiros quatro meses do ano a inflação foi de 5,7%. Mas o pior de tudo foi o aumento da carne que em julho foi de mais de 15%, causando a grande revolta.

O governo polonês passou recentemente por várias modificações e mudanças, mas a conclusão dos burocratas é sempre a mesma: apertar o cinto do povo. A nova equipe governamental já está desmascarada e já tem que enfrentar uma onda poderosa de protestos.

A situação descamba cada vez mais. Em 1979 a Renda Nacional da Polónia teve uma queda de 2%, os planos de construção de casas não foram realizados, a pecuária não progrediu e aumenta assustadoramente a dependência externa. A dívida externa polonesa é de 18 bilhões de dólares e aumenta cada vez mais.

Um fato muito importante nessas greves de julho é a atuação do governo, que não está usando a repressão e a violência. Grandes ondas de protesto surgiram na década de 70 e foram violentamente reprimidas, mas isso só serviu para temperar ainda mais os trabalhadores, que aumentam a sua força. Dessa vez o governo está tentando evitar uma radicalização ainda maior.

A crise econômica e social não atinge apenas a Polónia, também a Rússia a classe operária desenvolveu poderosas greves. A taxa de crescimento da economia soviética em 1979 foi de 3,5%, a mais baixa desde 1945.

Os trabalhadores soviéticos, poloneses, iugoslavos, tchecoslovacos e todos os que estão submetidos ao imperialismo russo vivem a mesma crise que os operários dos países capitalistas. Já as greves.

RESISTÊNCIA NA BOLÍVIA:

"Fora os Gorilas"

"Não temos segurança de quanto tempo podemos resistir aqui no fundo da mina. Mas se tivermos que dar nossas vidas nós daremos". Esta declaração é de um mineiro das Minas de São José, em Oruro, a 200 km de La Paz, na Bolívia. Ele, juntamente com outros 60 mineiros, quando deu a entrevista à jornalista Jan Rocha, no dia 28 de julho (onze dias após o golpe militar fascista) encontrava-se a 300 metros ao fundo desta mina, controlando seu centro de operações, em greve geral.

E segundo Jan Rocha, enviada pelo Conselho Mundial de Igrejas por Dom Paulo Evaristo Arns à Bolívia ensanguentada, esta foi apenas uma das formas de resistência do povo ao golpe dos "gorilas", a menos violenta. "Há outras minas muito mais combativas, como Siglo XX, Çatavi e Hanuani, onde os mineiros estão de armas na mão".

Resistência heróica

Jan Rocha esteve na Bolívia durante seis dias (de 24 a 29 de julho) e fez inúmeras entrevistas com trabalhadores, líderes sindicais, religiosos, etc. Ela nos relata como viu o país:

"A resistência do povo boliviano ao golpe é heróica. O povo não aceitou o golpe e já tem uma tradição de luta contra as ditaduras. Nas cidades, como em La Paz, há constantes tiroteios, principalmente à noite. A população dos bairros pobres, periféricos, fez, e ainda faz, barricadas para deter o exército. Houve sabotagens em ferrovias e no abastecimento de água e há ataques às patrulhas militares. A greve decretada pela Central Operária Boliviana (COB) foi assumida por todos os trabalhadores e ainda há fábricas paradas. As estradas foram bloqueadas pelos trabalhadores.

"Nas minas mais movimentadas, apesar de termos sido impedidos de chegar a elas, sabemos que os mineiros resistem de armas nas mãos. Mulheres e crianças morreram defendendo as rádios operárias, algumas com bandeiras da Bolívia nas mãos. O maior problema dos mineiros é a falta de comida, devido ao forte cerco militar.

"Muitos soldados do exército chegaram a desertar. Soubemos que as mulheres das minas e do campo fizeram cartazes com os dizeres: Soldado: não dispare contra seus irmãos. E muitos obedeceram, indo para o lado do povo, levando as armas junto. Em Cochabamba e La Paz houve sublevações nos quartéis, e para manter a disciplina, soldados

Apoio entre as ditaduras

"Sobre a participação do Brasil no golpe uma fonte bem informada me falou de um plano entre a Argentina e o Brasil de repartir suas zonas de influência, em que a Bolívia teria ficado para os fascistas argentinos. Quanto à participação americana, até o momento não há evidências. Sabe-se que os americanos toleravam o presidente eleito, Suazo, que não representava perigo aos seus interesses. E um moderado com apoio da Internacional Socialista".

Ilusão eleitoral

"Também deu para notar nessa curta visita que as forças democráticas iludiram-se com o processo eleitoral, acreditaram nos acordos com os militares. O golpe os pegou de surpresa. Quando do primeiro levante golpista, em Trinidad, essas forças não acreditaram na violência. As principais lideranças chegaram a se reunir na sede da COB, quando esta foi invadida, resultando em muitos mortos e presos. Acho que houve ingenuidade política, erro de análise", afirmou a jornalista.

Generais corruptos

Mas a resistência não se encerrou, segundo Jan. "Os bolivianos estão se reorganizando, não aceitam a cambada de generais. São muito pobres e explorados e sabem que não ganharão nada com os militares. Todo boliviano sabe que os generais são corruptos, ambiciosos e sádicos".

Na fita gravada na Mina de São José um mineiro conclama seus companheiros: "... Dizemos que os mineiros de São José estão firmes na luta até as últimas consequências". Depois, mesmo estando mal alimentados e a trezentos metros do solo, cantam uma música popular boliviana e terminam a gravação gritando: "Abaixo o fascismo"; "Fora os gorilas que massacram o nosso povo".

A grande traição ao socialismo (VI)

Albania: fiel ao socialismo

Todo o mundo capitalista de hoje mostra o mesmo quadro de crise, desemprego, inflação sem precedentes e insatisfação crescente dos trabalhadores. A Europa Ocidental, por exemplo, está sendo sacudida por uma onda grevista sem igual na sua história recente. No Brasil a mesma coisa. A luta operária abre brechas até na fachada socialista dos países da Europa Oriental que restauraram o capitalismo. A Polónia vive há um mês uma impressionante movimentação grevista.

Mas onde a classe operária está no poder e os princípios proletários são mantidos, o quadro é bem outro. É o caso da Albânia, que não embarcou na canoa da traição e constrói, hoje, na prática, uma nova sociedade liberta das chagas típicas do capitalismo.

Espírito indomável

A Albânia é um pequeno país situado na Europa entre a Iugoslávia e a Grécia. Em 1944, depois de uma guerra de guerrilhas realmente heróica contra os invasores fascistas italianos e nazistas alemães, o povo albanês conquistou por fim a liberdade e um poder popular.

Naquela época a Albânia era o país mais atrasado da Europa e estava arrasada pela guerra. Erquer o socialismo sob a direção da classe operária parecia uma meta fora do alcance daquele pequeno povo. Mas foi esta a meta estabelecida pelo Partido Comunista, hoje Partido do Trabalho, que havia conquistado um imenso prestígio durante a luta de libertação

Fim dos privilégios

Com essa direção e com suas antigas tradições combativas, os operários e o povo lançaram-se à construção do socialismo. E conseguiram. Na Albânia, os preços nunca aumentam, pelo contrário, hoje são de 8 a 25% mais baixos do que em 1958. O desemprego é desconhecido. E a diferença entre o salário mais alto e o mais baixo é de dois para um! Todos os dirigentes do PTA e do Estado estão subordinados a um vigilante "controle operário", montado de baixo para cima.

Intromissão iugoslava

Para construir o socialismo a Albânia teve que resistir às principais correntes que procuraram desviar o movimento operário e comunista mundial do seu leito revolucionário.

A primeira dessas correntes oportunistas foi o *titismo* iugoslavo. Em 1947 o governo iugoslavo impôs à Albânia uma série de medidas que violavam os princípios mais elementares das relações entre Estados soberanos, quanto mais da colaboração entre dois países de democracia popular: formação de um comando militar único, paridade de moedas, eliminação de todas as barreiras alfandegárias. Todas eram desfavoráveis à Albânia e visavam anexá-la.

Chantagem soviética

Em represália, Tito retirou todos os técnicos iugoslavos da Albânia e cortou todo auxílio econômico. Mas o PTA não se dobrou. Sua crítica contundente trouxe mesmo contribuições à luta contra o

revisonismo iugoslavo no plano internacional.

A partir do seu Congresso, em 1956, a nova direção do PCUS não parou de tentar fazer o PTA engolir as "novas teses" soviéticas. Perante a "intransigência" albanesa, a direção soviética montou até um complot para expulsar Enver Hodja do PTA. Mas os albaneses mais uma vez não se renderam. Em novembro de 1960, dentro dos próprios muros do Kremlin, Enver pronunciou um discurso de valor histórico na luta contra a nova corrente revisionista encabeçada por Khrushchev.

A resposta soviética foi brutal. Khrushchev suspendeu unilateralmente os acordos econômicos e militares com a Albânia; a seguir, cortou as relações diplomáticas entre os dois países. Mas a valente nação socialista não se dobrou. Enver Hodja respondeu dizendo: "Informamos a Khrushchev que o novo albanês e seu Partido do Trabalho se alimentarão de ervas se for necessário, mas nunca se venderão por 30 moedas, porque preferem morrer de pé e com honra do que viver vergonhosamente, de joelhos".

Por último a China

Finalmente, na década de 70, chegou a vez da China usar os mesmos métodos e artimanhas dos iugoslavos e russos para tentar obrigar o povo albanês a desviar-se do caminho do socialismo. A direção chinesa primeiro procurou impor ao PTA sua "teoria dos três mundos", de aliança aberta com os Estados Unidos e todas as potências imperialistas ocidentais. Perante a firmeza do PTA, que criticou publicamente a política chinesa, Pequim anunciou em julho de 1978 o corte unilateral de todo o seu auxílio à Albânia. Mas novamente as pressões políticas e ideológicas não deram certo. Mobilizando todas as energias da classe operária e do povo para superar as dificuldades causadas pelo corte, a Albânia está cumprindo e até ultrapassando as metas do plano quinquenal que termina este ano. E ainda desmascarou as raízes ideológicas da traição chinesa perante o mundo.

O caso albanês comprova sem margem de dúvida que o homem é o capital mais precioso da revolução. As suas potencialidades, desenvolvidas ao máximo por uma política de princípios proletários, são a garantia do desenvolvimento socialista mesmo num pequeno país, sendo de um atraso secular e cercado por inimigos agressivos e cobiccosos. (Luis Fernandes)

LAGO DA PEDRA - MA

Pelegos do PDS saiu sem moral

Um encontro de lavradores do município encerrado com passeata e manifestação marcou a passagem do dia do trabalhador rural. De 24 a 27 de julho os lavradores discutiram os seus problemas, tais como a falta de terras, a grilagem, as violências policiais, e a suas causas maiores: o latifúndio e o capitalismo dependente, cuja expressão de Estado é a ditadura militar. Na noite do dia 26 compareceram o presidente da Fetaema, Francisco Oliveira e o seu assessor educacional, o conhecido "Memeu" candidato da Arena derrotado, a deputado estadual Durante os debates, questionados pelos lavradores quanto ao apoio da Fetaema a diretorias sindicais pelegas e sua ligação com a CETER (um órgão estadual denunciado como inimigo dos lavradores), os dois pelegos se desmascararam. Convidados a comparecer à manifestação do dia seguinte, os pelegos inventaram um compromisso inadiável em outra cidade. Na manhã do dia 27 houve uma assembleia geral no sindicato, convocada a pedido do presidente da Fetaema. Os pelegos impediram os associados presentes de usarem da palavra chegando mesmo a agredi-los com palavras de baixo calão.

As 3 da tarde saiu a passeata que durante uma hora percorreu o centro da cidade. Seguiu-se a manifestação na praça da cidade com a participação de 1200 pessoas. Os oradores denunciaram principalmente a falta de terra e a grilagem; as violências de jagunços e policiais contra as quebradoras de coco babaçu; a ação nociva da CETER no caso da grilagem que se processa nos povoados de Unha de Gato e Baixo dos Caboclos. Alguns oradores ressaltaram a necessidade de retomar o sindicato, hoje nas mãos de pelegos ligados a políticos do PDS. Durante a manifestação o grileiro Aarão Fernandes Barros (vereador do PDS e conhecido desordeiro) passou de carro no meio da manifestação derrubando uma senhora. Tudo leva a crer que foi uma manifestação montada para causar tumulto e justificar a repressão policial. Mas o povo não aceitou a provocação, frustrando os planos dos grileiros. Uma nova passeata até a igreja, seguida de uma missa, encerrou o encontro.



Têxteis: unir as datas-base

Mais uma vez entramos em contato com a *Tribuna Operária* a fim de divulgar a nossa luta, a luta dos trabalhadores têxteis baianos.

Procurando repetir a dose do ano passado em nível mais elevado, estamos iniciando nossa campanha salarial de 1980. Os trabalhadores nas indústrias de fibras sintéticas fizeram em 1979 a primeira campanha da categoria nos últimos anos. Apesar da diretoria pelega, foi positivo o saldo da luta, pois conquistamos o estabelecimento da data-base em 1º de setembro (mesma data de outras quatro importantes categorias), estabilidade de seis meses para membros das comissões de salário e divulgação, gratificação de férias e aumento de 54,9% mais mil cruzeiros.

Além disso, a campanha serviu para despertar a categoria para a luta: fez surgir a oposição sindical e a direção da luta esteve nas mãos da comissão de salários (formada por pessoas que constituem a oposição). Aprendemos na prática que é preciso mobilizar as massas, utilizar o sindicato e organizar a oposição a fim de derrotar os pelegos e fazer combativa campanha salarial.

Contra o propósito dos pelegos e dos patrões de nos dividir, realizamos a unificação de toda a categoria têxtil, através da inclusão dos trabalhadores das fibras naturais na atual campanha.

É preciso que se marche firmemente para a unificação da luta dos trabalhadores. Portanto deve ser realizado entre as categorias o apoio político mútuo, a colabo-

ração material e as ações comuns. Está colocada a necessidade da unificação das campanhas para as categorias que têm data-base em 1º de setembro, que são os petroquímicos, os trabalhadores de refino e extração de petróleo, os bancários e nós, têxteis, constituindo-se uma poderosa força na luta pelas nossas reivindicações, contra a opressão e a exploração. Como base para a unificação, já vem sendo lançado por operários avançados das cinco categorias a nível nacional a mesma proposta de reajustes salarial de 15% acima do INPC, além das reivindicações de um ano de estabilidade no trabalho e também o reconhecimento e estabilidade para as comissões de empresa. (*Oposição Sindical Têxtil da Bahia - Salvador, BA*)

Liberdade para a imprensa

Os incêndios nas bancas de revistas continuam, porém o governo nada faz de positivo e concreto para combater tais atos terroristas.

O que o povo e jornalistas poderiam fazer neste clima de terror atual, com a convivência atrevida da governamental? 1º) Realizar campanhas pedindo apuração dos atos terroristas. 2º) Pedir proteção governamental para as bancas de revistas. 3º) O povo deveria passar a comprar revistas e jornais de preferência nas bancas que continuam a vender os jornais alternativos. 4º) Os jornalistas que tiverem condições deveriam colocar as bancas no seguro. 5º) Os jornalistas que já tiveram suas bancas incendiadas deveriam solicitar uma indenização ao governo. 6º) Os jornalistas que tiverem condições de deixar as bancas abertas durante o dia e à noite. 7º) Organizar equipes de fotógrafos para darem plantão perto das bancas de revistas, dos setores democráticos, para que se possa investigar de fato com fotos os vândalos incendiários. 8º) Organizar plantões de setores democráticos nas bancas de revistas que não se intimidaram com as ameaças. 9º) O povo deveria de agora em diante comprar mais jornais alternativos e assiná-los também. 10º) O povo deveria ficar bem atento para descobrir os incendiários, procurando denunciá-los e até se possível evitar tais incêndios. (*Luiz Rebouças Torres - São Paulo, SP*)



Mulher não tem vez no Bamerindus

Cansados de tantas barbaridades e injustiças que vêm ocorrendo desde o ano passado, os funcionários do Bamerindus resolveram recorrer ao sindicato para uma série de denúncias.

O banco, além de infringir as leis, abrindo às 8h30 e fechando às 17h30 para o público, obriga seus funcionários a chegarem às 8h da manhã, sem retorno para casa no final da tarde. Além disso, faz os bancários trabalharem sob forte pressão, alegando que talvez seu nome esteja na 'lista'. Esta lista soma um total de 4 mil funcionários que deverão ser postos na rua até setembro, época do aumento salarial dos bancários.

Estão apelando por aqueles que têm mais tempo de casa, justo estes que já cansaram de dar o sangue, trabalhando sábados, domingos e feriados, como aconteceu em dezembro passado, quando o pessoal do balancete passou a noite do dia 31 dentro do banco, sem poder ficar ao lado de seus familiares. (*MF - Vitória, ES*)



PB: Hospital ou campo de concentração?

Que saúde é essa?

A política de Saúde desenvolvida pelos órgãos governamentais se mostra fracassada na medida em que o próprio modelo econômico também o é.

A situação precária dos doentes mentais na Colônia Juliano Moreira da Paraíba, tem sido objeto de críticas e denúncias desencaçadas em hora oportuna pelos estudantes de Enfermagem Psiquiátrica da Universidade Federal da Paraíba.

A má distribuição de renda, fome, habitação inadequada, desemprego, enfim a situação de miséria em que vive nosso povo são determinantes do nosso nível de saúde, tanto no que se refere à distribuição das doenças quanto à diferenciação do serviço de atendimento médico. Constatou-se que existe uma psiquiatria para a massa e outra para a classe dominante. Aos pobres estão reservados os "Julianos Moreiras" e aos ricos, psicoterapias ultra-sofisticadas.

Cabe a nós, no atual momento, uma luta maior no sentido de que a política de saúde seja voltada para os interesses da maioria da população. Queremos uma solução para o problema com a participação dos profissionais de saúde e de toda a população; uma reformulação da política nacional de saúde; melhores condições de vida e saúde para o povo brasileiro. (*Um grupo de estudantes de enfermagem psiquiátrica - João Pessoa - PB*)

São tantas as barbaridades, que somam mais de mil. Muitos funcionários não têm acesso ao telefone. Em certas agências existe o "ticket restaurante", outras não têm nem um lugar decente para os funcionários aquecerem a marmitta.

Mulher não faz carreira no banco e as casadas e noivas não são admitidas. As que trabalham são obrigadas a cumprir um horário de 10 a 11 horas por dia. E como se não bastasse, ainda descontam o sábado e domingo quando alguém falta num dia da semana. E se esse dia porventura é véspera de feriado, eles dão carta de advertência.

Estão racionalizando até mesmo água e luz. Na Agência Central, os banheiros são limpos de manhã e logo em seguida o registro de água é fechado. São reabrindo no final da tarde. Estamos fartos de tanta opressão. Abaixo esses diretores mesquinhos, que só querem o bem deles! (*Funcionários do Bamerindus - São Paulo, SP*)

Não ao "progresso" que mata: povo rejeita acordo nuclear

Hoje em dia no Brasil os homens que estão no poder, ou melhor, os tecnocratas, vivem falando em progresso, em potência emergente, em celeiro do mundo, em retrocesso da inflação, etc.

São esses homens que estão arrocando os salários há 16 anos, são esses homens que estão entregando o Brasil para ser banqueteados pelo imperialismo na calada da noite. Eles são os responsáveis por todas as atitudes contra o povo. Compraram o ferro velho que é a Light com as dividas incluídas nas contas. Os antigos donos foram para a matriz (EUA) rindo da "boa" transação e agora a dívida esta sendo "rateada" entre nós.

Os desmandos são inúmeros. O maior dos últimos tempos está se concretizando, que é a instalação de usinas nucleares no litoral de São Paulo. No geral, no caso do Brasil, a notícia das instalações ocorreu na véspera do Dia Nacional do Meio Ambiente, o que vem como uma ironia sem gosto.

Todas essas notícias nos causam uma insatisfação total. Esses tecnocratas, que nunca foram a uma favela, nem a um bairro pobre, não sabem como vivem nossas crianças, doentes, sem ajuda nenhuma das "autoridades". Esses tecnocratas que vivem apenas para os seus mesquinhos lucros, que entregam nossas riquezas de mão beijada e que se ajoelham para pedir a bênção das multinacionais, são esses os maus brasileiros que há anos nos levam para a depressão.

Neste momento em que a insanidade mental toma conta destes criminosos, a parte sã e consciente desta decadente sociedade está de pé e firme, grita em altos brados que não, que chega de autoritarismo. Esta parte da sociedade se organiza e ganha as ruas dizendo não às usinas nucleares. Este "progresso" que mata não interessa aos trabalhadores e ao povo consciente, mas sim aos come-dor-me o poder. Queremos sim respirar ar puro, o ar da paz. (*C.C.L. - Mato Grosso*)

Café Cortesão intoxica operários

Outro dia um companheiro denunciou num jornal a pouca vergonha e o desleixo da firma "Café Cortesão", que é responsável pelo fornecimento das refeições na Renave, que serviu carne estragada e intoxicou mais de 500 operários.

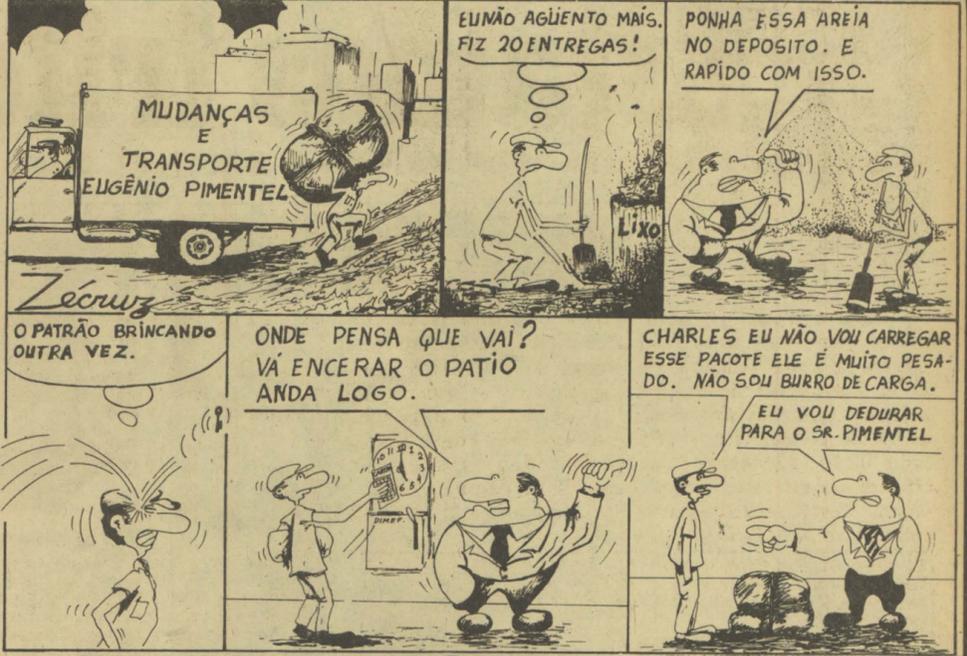
Parece que o fato teve pouca repercussão. Por isso, quero reforçar a denúncia do companheiro e deixar bem claro que continua o descalço por parte dos diretores da Renave. A comida continua uma droga: eles continuam misturando comida boa com comida estragada. E o caso do arroz, que às vezes vem até com baba. A carne vem sempre cheirando mal. Quando é peixe, é comum encontrar moscas cozidas no meio. Por causa dessa sujeira tem muita gente passando mal do estômago, inclusive pensando estar sofrendo de úlcera.

Outra coisa suja que tem aqui são os safados puxa-sacos. Aliás, seu for citar os nomes de todos aqui vai tomar um espaço muito grande. Mas tem dois aqui que não podem escapar. São eles: aquele velho safado do Feijó e o sem vergonha do Cirilo. Esses dois

canalhas tentam ganhar promoção na empresa perseguindo os companheiros da seção deles, ameaçando com denúncias falsas e dando advertência por qualquer motivo.

O maior feito dessa dupla de canalhas foi dar uma justa causa no companheiro Nazirino, simplesmente porque ele parou de trabalhar 30 minutos para tirar um prego do sapato que estava machucando o pé. Esses miseráveis alegaram que o companheiro havia abandonado o serviço sem comunicar a eles, e que Nazirino tinha agredido Cirilo.

Felizmente o companheiro conseguiu provar que eles estavam mentindo e acabou ganhando a parada, recebendo tudo que tinha direito. Mas para a infelicidade dos outros companheiros, esses dois continuam perseguindo os outros, tentando prejudicar de toda maneira os bons profissionais, principalmente porque eles são uns parasitas e não têm capacidade profissional para exercer o cargo que ocupam. O que sabem mesmo é puxar-saco. (*Um operário da Renave, Rio de Janeiro, RJ*)



Empresa maltrata menores

Quero que vocês publiquem certas coisas que acontecem aqui na empresa "Transportes e Mudanças Eugênio Pimentel". É o seguinte: trabalham nessa empresa rapazinhos de diversas idades (14 a 18 anos), fazendo serviço de rua - cobranças e entrega de mercadorias (nas costas). O patrão assina a carteira dos meninos e paga simplesmente 2 mil cruzeiros mensais, sendo que os meninos trabalham 8 horas por dia, saindo às 5 da tarde. Mas acontece que certos dias, Pimentel, o proprietário, não deixa os meninos saírem a essa hora: eles têm que encerrar todo o pátio da empresa, terminando entre 7h30 e 8h da noite.

Ou seja, trabalham 3 horas de graça, já que ele não paga essas horas.

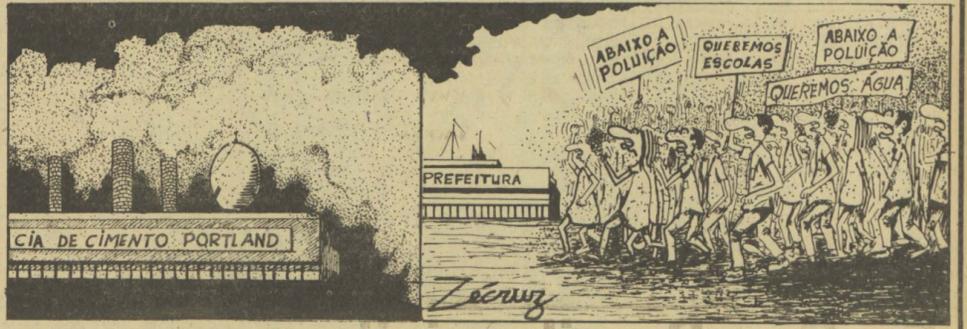
Se os meninos se recusam a trabalhar depois do expediente, levam até suspensão por uma semana. Além do mais, ele usa os meninos para tudo: apanhar areia, terra, lixo, etc.

Certa vez andaram fiscalizando a empresa. Então, Pimentel recolheu todas as carteiras dos meninos e afirmou que eles ganhavam meio salário porque trabalhavam meio expediente. E ficou por isso mesmo.

Todos os dias chega de Belo Horizonte para Montes Claros um caminhão trazendo mercadorias leves e pesadas e também mudanças. Uma parte dessa mercadoria é entregue pelos meninos. Um caminhão chega de manhã e se atrasa ou quebrar os meninos não podem sair para almoçar.

Acontece várias vezes do caminhão chegar às 4 horas da tarde e os meninos estarão esperando sem almoço.

Meses antes ocorreu o seguinte: um funcionário da empresa, um puxa-saco de nome Charles, entregou uma mercadoria pesada para um dos rapazes levar. O rapaz disse que não era burro para levar uma carga daquelas. Quando o Pimentel chegou, o Charles deu. E o Pimentel então disse simplesmente: "bata o aviso dele aí". E quando o rapaz foi receber a indenização ele queria pagar simplesmente 816 cruzeiros, sendo que o rapaz trabalhava há 7 meses com ele. Ele ainda acerta os meninos com um monte de chaves que tem, chegando até a feri-los. (*M.X. - Montes Claros, MG*)



Cimentos Portland, uma maldição

Sou morador de Guaxindiba, um dos bairros da zona rural de São Gonçalo. Aqui falta tudo, não tem escola, rede de esgoto ou água potável. Ainda por cima é esconderijo de ladrões que andam se escondendo do Mão Branca.

Tudo isso ainda passava, se não fosse uma maldita fábrica de cimento, a Mauá, que dia e noite lança de suas chaminés, um pó branco fedorento miserável que contamina todas as plantações, poços, suja toda a roupa da gente e o que é pior, contamina a gente também.

Até 1978 eu morava em São Gonçalo, pagava aluguel. Nesse ano o senhorio aumentou o aluguel de tal maneira que a única

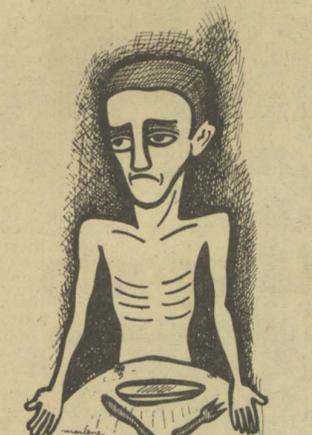
opção que tive foi procurar uma nova moradia. Foi aí que apa-receu a oportunidade de possuir minha casa para abrigar minha família. Um anúncio oferecia terrenos sem entrada e com prestações módicas, com direito a construir após o pagamento da primeira prestação.

Animado construí um barraco e parti para lá. No primeiro mês foi tudo bem, fiquei confiante. Jamais iria imaginar que ali bem adiante estava o diabo que iria infernizar a minha vida. Um dia meus filhos começaram a reclamar de queimaduras nas costas. Fomos verificar e já estava abrindo ferida. Então levei meus filhos ao médico e contei o caso do pó que

saía da fábrica. Ele me aconselhou a mudar imediatamente.

Como sou pobre, não posso mudar de uma hora para outra. Por isso, mandei meus filhos para Rio Bonito, na casa de um irmão. Minha mulher foi trabalhar de empregada doméstica para me ajudar a pagar a cunhada para tomar conta deles.

Enquanto isso, vou trabalhando em Niterói e morando só neste inferno, longe de meus filhos e de minha esposa. E o povo de Guaxindiba vive doente, pedindo socorro. Mas as autoridades são surdas para ouvir os reclamos, principalmente quando eles vão contra a Cia. de Cimento Portland. (*C.N.P. - Guaxindiba, RJ*)



Sem liberdade

Você tem liberdade mas passa fome tem liberdade mas não tem roupa tem liberdade mas vive duro tem liberdade mas sua mulher trabalha grávida tem liberdade mas não tem casa para morar tem liberdade mas não tem escola para estudar tem liberdade mas é proibido falar tem liberdade mas vai preso se reclamar tem liberdade mas mora na favela. Afinal, de que vale a liberdade que você tem? (*Um metalúrgico - Guarulhos, SP*)

Receita para vender a TO

Me sinto na obrigação de escrever sobre a valiosa experiência que estamos vivendo aqui na Bahia para que companheiros de outros Estados possam vir a fazer o mesmo. A *Tribuna Operária* é o jornal que se propõe a ser a voz da classe operária, e por isso deve penetrar com mais força no setor. Neste sentido, formamos um mutirão e fomos até o pólo petroquímico de Camaçari trabalhar com o nosso jornal. Foi gratificante a receptividade que recebemos por parte do operariado. Muitos já conheciam o jornal, outros compravam por curiosidade. O fato é que mobilizamos várias fábricas e, ao retornarmos na outra quinzena, a receptividade foi bem maior, com operários discutindo o jornal, procurando-nos para colher informações, comentarem sobre o

terrorismo que está sendo imposto aos jornalistas. Alguns operários demonstram interesse em serem vendedores do jornal em suas fábricas. Desta ida ao pólo, vendemos 690 jornais e este número tende a aumentar no próximo mutirão. Vários operários foram convidados a se integrarem ao Centro de Cultura Operária.

Para mim em particular, foi uma experiência rica manter contato com a força revolucionária do país, os operários. Todos os companheiros que participaram do mutirão pensam da mesma maneira. Faço votos de que em outros Estados o mesmo aconteça, pois aqui iremos ampliar cada vez mais os mutirões nas fábricas. (*Um amigo da TO - Salvador, BA*)

INCRA: terra para um, despejo para dois!

Para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Quixeramobim, o Incra naquele município, enquanto arranja terra para um trabalhador, faz despejo de dois. Em 1975, o Incra desapropriou a fazenda Grossos, onde trabalhavam 83 moradores.

Dali beneficiou apenas 21 moradores, dando mais de 200 horas para cada um. E os outros? Alguns ficaram trabalhando de meia com os parceiros e outros tiveram que se retirar de suas lavras, perdendo as totalmente.

O Incra chegou ao cúmulo de dar 300 ha. de terra para o gerente da Fazenda, sr. Manoel Carlos, quando o mesmo já possuía uma boa área em outra localidade. Há mais de 4 anos o Incra desapropriou a

fazenda de nome *Pinhão* neste município de Quixeramobim, Ceará, e vendeu a maior parte a comerciante e a quem já era proprietário.

Hoje o Incra está ameaçando fazer despejo do trabalhador rural Raimundo Tavares da Silva, que trabalha pagando meia na parcela de terra do proprietário José Ricardo de Oliveira. Técnicos do Incra chegaram a dizer à diretoria do STR de Quixeramobim que o Incra tinha 10 advogados para defender o proprietário.

Conclusão: o Incra não está sendo o órgão para realizar a reforma agrária. Está sendo um órgão de opressão dos trabalhadores rurais. (*M.L.S. Fortaleza, CE*)

«Estamos fritos!»

Faz um ano que Figueiredo foi à feira e os preços já dobraram

Um ano depois da visita do general Figueiredo, a feira do Bom Retiro (S. Paulo) continua com os mesmos feirantes e fregueses, marreteiros e mendigos. Mas os preços dispararam. Figueiredo disse que ficou espantado com o preço do pé de alface: três cruzeiros. Agora, por mais que se procure, não se acha um pé de alface por menos de 10 ou 15 cruzeiros. A cenoura passou de 20 para 40 cruzeiros o quilo, a vagem de 30 para 70.

“Até que não subiu nem 500%!...” comenta um freguês, com ironia. “Tudo vem remarcado de uma semana para outra — garante outro, português, dono de um bar. — A terra é rica, mas o povo empobrece. Estamos fritos”.

Demagogia não resolve

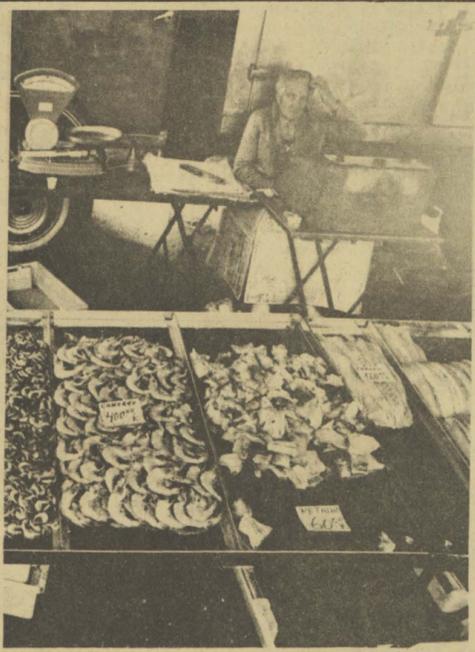
Nem poderia ser de outro modo. A visita de Figueiredo à feira, como toda a política de preços do governo atual, teve a marca da demagogia. O general chegou até a dizer que sentia o custo de vida no bolso: “Claro que sinto. Eu vou à feira, ué. Eu também como”. Não falou do seu salário, que já anda em 148 mil cruzeiros mensais, fora as mordomias da Granja do Torto, onde ele vive, longe dos problemas do povo. Disse apenas que estava “pesquisando” por que os preços sobem e que, se fosse constatada a culpa de atravessadores, “infeliz do atravessador!”

Fazer, Figueiredo não fez nada. Mas o povo vai formando sua opinião sobre o aumento do custo de vida. “O preço do peixe lá no Ceasa aumenta de semana para semana — diz um barraqueiro — Isso é que o governo tinha que olhar. Os atravessadores estão todos numa boa, ninguém foi preso, este país está um salve-se quem puder. Se o governo quisesse poderia resolver o problema, mas não quer. Precisava pegar o mal pela raiz, não ficar atrás dos menores e deixar os maiores de fora”. E argumenta com o movimento na sua barraca: “A venda caiu muito, nem sardinha sai mais, caiu de 80% pra cima. O bolso do operário está muito fraco. E o do feirante também sofre”.

O governo é o maior acusado, ganhando folgado da gasolina e do tempo. Desde uma freguesa de 68 anos até o rapazinho ainda imberbe que toma conta de uma banca, houve ampla concordância



As alfaces que passaram de três para 15 cruzeiros num ano...



E o peixeiro que perde fregueses devido aos preços

neste ponto: o governo é o culpado. “A gente também tem vontade de que tudo baixe — disse um vendedor de bananas — mas a gente também é povo e a ordem vem lá de cima”.

Exploração vai aumentar

Enquanto isso, o ministro da Agricultura, Amauri Stabile, tempera a demagogia governista com umas pitadas de cinismo, dizendo que o brasileiro “precisa deixar o hábito de comer carne”. E Delfim Netto, obedecendo aos banqueiros norte-americanos que dominam o Fundo Monetário Internacional, enxerta novas medidas contra os trabalhadores na lei sobre os salários.

Segundo o novo projeto de lei elaborado pela Secretaria do Planejamento, quem ganhar mais de sete salários mínimos (29 mil cruzeiros em S. Paulo, Rio e Minas) não terá mais reajustes semestrais. O reajuste será feito somente de ano em ano. O INPC não terá validade para essa camada.

O objetivo mal disfarçado do projeto é satisfazer os patrões, principalmente os superpatrões que são os banqueiros do FMI. A tática é, mais uma vez, tentar jogar trabalhadores contra trabalhadores, como se a culpa pelos baixos salários de uns fosse dos salários mais elevados de outros, e não dos lucros dos capitalistas.

Político do “tiro no coco”

Porém as coisas andam piores ainda para quem ganha menos de sete salários mínimos, ou seja, a grande maioria (93%) dos trabalhadores brasileiros.

Para eles, continua vigorando o esquema dos reajustes semestrais, quando a carestia de vida se manifesta a cada mês e até de semana em semana. O INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) fixado para agosto foi de 34,4% apenas, confirmando uma tendência à baixa que vem desde abril, quando o índice foi de 39,9%. Como se chegou a esse resultado é um mistério, pois a inflação continua subindo verti-

ginosamente e andou pela casa dos 8% somente no mês de julho. Em Porto Alegre, segundo o IEPE, o custo de vida aumentou 7,4% em julho.

Assim, a prática mostra que o general João Baptista Figueiredo falava a sério quando recomendava que os trabalhadores que vivem de salário dessem um “tiro no coco”.

Mentira e incompetência

E quando se compara a política salarial e a política de preços, a conclusão só pode ser uma: Figueiredo mentia quando prometia medidas para conter a carestia. O chamado combate à inflação que o seu governo leva avante não tem em vista o povo brasileiro, mas as ordens do FMI e das multinacionais. Não é uma política para congelar os preços do feijão com arroz, da moradia, dos transportes, mas para fazer os trabalhadores carregarem a crise nas costas, rumo a uma saída favorável ao sistema.

POR QUE OS PREÇOS SOBEM?

Com a disparada do custo de vida, operários, donas-de-casa, jovens e velhos perguntam-se se é possível acabar com ela.

Nos últimos 50 anos a inflação tornou-se permanente no Brasil, uma doença crônica. E mais: de uns vinte anos para cá passou a ser também aguda, ficando numa média acima dos 40% anuais.

Problema de estrutura

As causas disso são muitas, complicadas, e uma estimula a outra. Há causas internas, surgidas no Brasil e outras externas, como por exemplo a crise do petróleo. Há causas estruturais, que nascem da estrutura econômica, e também causas conjunturais, como uma seca ou enchente que prejudique a agricultura.

O governo procura sempre realçar as causas externas e as conjunturais. Age assim para fugir à sua responsabilidade no caso e também para defender os responsáveis pela inflação.

Porém qualquer análise séria do problema mostra que a inflação brasileira é causada acima de tudo por problemas internos e estruturais. O grande culpado é o tipo de desenvolvimento econômico que sofremos nas últimas décadas.

Este desenvolvimento apoiase em três vigas mestras: é um desenvolvimento capitalista, baseado na exploração do trabalho assalariado pela burguesia; é também dependente, marcado pelo domínio dos grandes bancos e empresas dos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão, e, finalmente, é um modelo que defende e estimula o monopólio da terra pelos grandes proprietários rurais.

Ora, todos esses fatores favorecem, de uma ou outra forma, o aumento dos preços. Enquanto eles dominarem a economia nacional, a doença crônica e aguda da inflação não terá remédio.

O culpado número um

Pode-se dizer que o capitalismo é o culpado número um pela inflação. Um dos princípios sagrados desse sistema, também chamado economia de mercado, é a livre flutuação dos preços. Quem tiver uma mercadoria pode vendê-la pelo preço que bem entender. Até os operários, pelo menos teoricamente, são livres para vender a única mercadoria que possuem — a força de suas mentes e seus braços.

E sobre essa base que se

verifica o aumento dos preços. E ele torna-se um mal incurável quando o capitalismo atinge sua fase final, decadente, a fase dos monopólios ou imperialismo. Nesta fase, umas poucas empresas gigantes impõem em cada setor preços de monopólio, que não flutuam ora para cima e ora para baixo, como no velho capitalismo de livre concorrência, mas só para cima. Além disso, o aparelho do Estado capitalista assume nesta fase dimensões nunca vistas, e para alimentar e armar esse monstro é necessário emitir mais e mais papel-moeda estimulando a inflação.

Domínio estrangeiro

Enquanto os trabalhadores não enterrarem o sistema econômico capitalista para construir em seu lugar um sistema novo, sem exploradores, socialista, o problema da inflação tenderá a permanecer. No entanto, a inflação brasileira é agravada por outros fatores, tanto assim que seu nível é bem superior ao que existe nos países capitalistas em geral, mesmo nestes tempos de disparada mundial dos preços. Entre esses fatores, destaca-se o da dominação estrangeira.

Tome-se por exemplo a dívida externa, uma das principais formas que a dominação estrangeira da nossa economia tem assumido. Todos os bilhões de dólares de empréstimos externos que entram no Brasil transformam-se em cruzeiros, para serem aplicados, sem que haja um aumento correspondente na produção. Resultado: desvalorização da moeda brasileira e aumento dos preços.

Latifúndio e inflação

O monopólio da terra é outra causa estrutural da inflação brasileira. Nesse sistema, o proprietário rural, na maioria das vezes um grande fazendeiro, fica com a renda da terra pelo simples fato de possuí-la. E esse dinheiro que o latifundiário embolsa recai sobre os preços dos produtos agrícolas, encarecendo-os.

Além disso, o latifúndio é tradicionalmente um elemento de atraso, que emperra o crescimento da produtividade e da produção agrícola, provocando a escassez de alimentos e, conseqüentemente, carestia.

Enquanto o Brasil não tiver um sistema capaz de dar combate a esses problemas, não se livrará do triste título de dono de uma das maiores taxas de inflação do mundo.



A manifestação no Correio dia 30, uma das frentes de luta do MCC

MCC prepara o 27 de agosto

14 Estados participarão no Dia Nacional Contra a Carestia

A resposta mais efetiva do povo à inflação galopante, até agora, foi a criação do Movimento Contra a Carestia (MCC), que se espalhou por boa parte do Brasil. E o MCC está em plena atividade neste mês, preparando uma grande manifestação nacional para o dia 27 de agosto.

Em S. Paulo, o Movimento está conduzindo, também, uma Campanha contra os Abusos da Light na cobrança das taxas de luz. No dia 30 passado, uma pequena multidão invadiu o prédio dos Correios, no centro da cidade, para enviar cartas de protesto ao presidente da República, vencendo a resistência da guarda local. “O principal problema nosso é o presidente, o governador e o prefeito”, disse na ocasião dona Dirce, doméstica, favelada do Jardim Cotia e mãe de nove filhos.

Um movimento do povo

Rosana, 25 anos, trabalhadora numa indústria de plásticos, é da coordenação do MCC e está esperando seu primeiro filho para antes de 27 de agosto. Entrevistada pela Tribuna, ela apresentou uma visão geral do Movimento.

“Esta é a terceira vez — disse ela — que o 27 de agosto fica

marcado como dia de protesto contra a carestia. A primeira vez, em 1978, a gente enfrentou uma repressão muito grande na Praça da Sé, aqui em S. Paulo. Foi a primeira grande manifestação pública do povo depois de muito tempo. No ano passado, ele já tinha começado a se espalhar por outros Estados. Houve manifestações também em Belo Horizonte, Santarém e Porto Alegre”.

A situação obrigou

“A gente foi crescendo — prossegue Rosana — na medida em que a própria situação da inflação foi apertando. No Encontro Nacional da Bahia, doze Estados estiveram presentes e assumiram a manifestação do 27 de agosto: Bahia, Ceará, Pernambuco, Maranhão, Alagoas, Minas, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Mato Grosso. Também existem núcleos preparando a manifestação no Pará e em Goiás”.

Ficou combinado que para o dia 27 caravanas de todos esses Estados irão a Brasília, com muita gente, sem número limitado. Só o Ceará, por exemplo, garante que levará um ônibus cheio, pelo menos. Chegando lá, haverá uma

assembléia, um encontro nacional, no dia 25 e, junto com os movimentos e entidades populares brasileiros, se acertará a grande passeata até o Palácio do Planalto, para falar com Figueiredo.

A importância da imprensa

“Vai ser um fato inédito essa manifestação, bem na frente do poder deles”, comenta Rosana. “Pela primeira vez um movimento como o nosso, junto com dezenas de sindicatos e outras tantas entidades de todo o país, vai promover uma iniciativa deste alcance”. E prossegue: “A gente percebe que não é só chegar na frente do Figueiredo para ele dar uma solução. Mas uma manifestação assim significaria uma denúncia e também uma pressão. Muitas medidas do governo vêm da pressão do povo, como o Cestão, o Varejão, a Feira do Povo, a Cobal. O 27 de agosto vai obrigá-lo a dar uma resposta sobre a carestia”.

Ac mesmo tempo, estão programadas manifestações públicas do Movimento Contra a Carestia em cada cidade onde haja núcleos trabalhando. Assim, quem não for a Brasília também terá a oportunidade de marcar seu protesto no dia 27.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Povos que se apóiam

Fundado o Comitê de Solidariedade Intercontinental

O Comitê Brasileiro de Solidariedade aos Povos da América Latina — lançado publicamente no último dia 4 com o auditório da sede do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo totalmente lotado (mais de 300 pessoas) — surge em boa hora. No momento em que ocorre o violento golpe militar na Bolívia; próximo à visita do presidente-assassino da argentina, Jorge Rafael Videla, ao Brasil; e quando se vota em Brasília a draconiana “lei dos estrangeiros”, que tem como objetivo perpetuar as ditaduras militares na América Latina.

No lançamento do Comitê já foram aprovadas informalmente, com palmas, algumas ações concretas de solidariedade aos povos oprimidos latino-americanos, como o envio de moções de repúdio ao golpe, à visita e à lei e a convocação de grandes manifestações públicas. O presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes), Rui César, anunciou a realização de um show de música latino-americana e conclamou todas as forças democráticas e populares do país a “repudiarem firmemente o reconhecimento por parte do governo brasileiro ao golpe na Bolívia”, sendo muito aplaudido.

Licoes dos países irmãos

Todos os oradores, entre eles os representantes do Comitê Brasileiro pela Anistia, da Comissão Arquidiocesana de Direitos Humanos e da UNE, denunciaram a miséria dos povos latino-americanos e os regimes ditatoriais, alguns se referiram à ação espoliativa do imperialismo norte-americano.

Um dos pronunciamentos mais aplaudidos foi o do ex-prespo político Haroldo Lima, devido sua posição firme contra a opressão e a exploração em todo o mundo: “Vivemos num momento de



A reunião de solidariedade

lutas violentas dos povos oprimidos contra o fascismo, o imperialismo, os latifundiários e a burguesia. Não é um tempo de paz, mas de guerra, de luta de classes... E a luta do povo boliviano, nosso irmão, neste sentido nos dá lições. A primeira é que estes estavam desarmados e enquanto tivermos que enfrentar inimigos que usam canhões jamais nos libertaremos. Jamais um povo se libertou através de eleições (aplausos). Isto não significa uma opção dos trabalhadores pelo caminho violento, mas é uma imposição da luta de classe. E temos que levá-la a sério”.

Ao final da manifestação um argentino exilado no Brasil contou, com muita calma, para os presentes a história “de um companheiro uruaquão que foi obrigado a deixar o Brasil e ir para a Suécia e lá ficou louco”. E pediu “a todos os brasileiros, principalmente à classe operária, para manifestarem seu repúdio à lei dos estrangeiros”.

Lei Fascista

O governo Figueiredo pôde comemorar na terça-feira, 5 de agosto, mais uma das suas “vitórias parlamenteres”. Conseguiu fazer passar, na Câmara dos Deputados, a tristemente famosa Lei dos Estrangeiros. De agora em diante, os 250 mil argentinos, uruaquãos, paraguaus e chilenos que buscaram abrigo no Brasil, fugindo da perseguição política ou da miséria, estão praticamente à mercê do governo brasileiro: E como existe estreita colaboração entre os diversos regimes militares sul-americanos, a Lei dos Estrangeiros significa que os refugiados no Brasil também estão à mercê dos carrascos fardados que mandam em seus países.

A lei foi aprovada por decurso de prazo, ou seja: o partido do governo, sem confiar na maioria formal que possui na Câmara, ordenou que seus deputados se retirassem do plenário, impedindo que houvesse quórum. Assim, apesar do não maciço dos partidos de oposição, a lei não pôde ser rejeitada. Foi mais uma amostra do quanto Figueiredo está isolado. Representando uma minoria insignificante na população, seu governo não pode contar com seus deputados.

Tribuna da Luta
Fundação Maurício Grabois